ECHOS

DA

SOLIDÃO

POR

JOSÉ BÉNOLIEL

LISBOA

MANUEL GOMES, Editor

LIVREIRO DE SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

Rua Garrett (Chiado), 70-72

M. DCCC. XCVII.

Peça inglesa
guerra + regresso
c/ cantos

ECHOS DA SOLIDÃO

Dos 512 exemplares, que compõem a presente edição, não entram no commercio os 12 impressos em papel especial e numerados pela fórma seguinte:

6 em papel – Japão .... n.os 1 a 6
6 em papel – Renascença........... n.os 7 a 12

Typographia Gonçalves — Rua do Alecrim, 82. — Lisboa

ECHOS

DA

SOLIDÃO

POR

JOSÉ BÉNOLIEL

LISBOA

MANUEL GOMES, Editor

LIVREIRO DE SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

Rua Garrett (Chiado), 70-72

M. DCCC. XCVII.

AO LEITOR

Leitor, caro leitor, que não conheço,
E que por isso tenho em mais estima,
Se alguma tambem eu de ti mereço,
Pela mesma razão que dei acima,

Acceita co'indulgencia, agrado, apreço,
De pobre vinha a modica vindima,
Quero dizer... o livro que te off'reço,
Escripto em verso humilde e humilde rima.

Em verso humilde e humilde rima escripto
Por dois motivos que a dizer-te passo,
E mais duzentos que, por ora, omitto:

Um é ter já morrido o luso Tasso
Sem legar-me o talento seu bemdito;
E o outro... mas perdão, falta-me o espaço...

Á

MEMORIA

DE

JOÃO DE DEUS

A POESIA

I

Oh! dize-me o que seja a Poesia,
Espirito immortal de João de Deus,
Tu, que, em sua divina companhia
Voaste d'este mundo para os céos!

Tu, que fitando sempre o firmamento,
De ouvido á escuta, tantas vezes vi,
Para acudires logo a um chamamento,
Como que á espera d'um signal d'ahi;

Tu, que dos seres todos a linguagem
Entendias a par do Sabio-Rei;
Tu, de quem trago n'alma sempre a imagem,
Tu, qu'inda choro, e a quem tanto amei:

Dos altos céos onde a alma tua adeja,
Á minha prece digna-te attender;
E dize, dize o que a Poesia seja,
E como e quando lhe foi dado o ser.

II

Assim que Deus da creação futura
Na mente o plano immenso concluia,
Sorriu-se.... e logo, qual mais linda e pura,
Nasceram ambas — Luz e Poesia.

E a Poesia foi, e foi a Luz....
Ambas do mesmo Ser primeiras filhas;
E a Luz foi condensada, — e breve, a flux,
Surgiram de mil Soes as maravilhas.

E Deus ao ver aquelles Soes girando
Em volta do Infinito, sem destino,
Falou.... e os mundos foram despertando
Á forte voz do Verbo seu divino.

E foi assim que a Terra appareceu;
Mas, como nella brilho não havia,
O Summo Auctor solicito lhe deu
A irman gemea da Luz — a Poesia.

III

Subito os campos de brilhantes flores.
De galas e atavios, se vestiram;
Trinam as aves canticos d'amores,
A brisa geme, as arvores suspiram.

Mãos invisiveis sobre os vastos prados
Extendem fresco manto d'esmeralda;
E lá, nos ares humidos, iriados,
A auréola da Terra se desfralda.

Em rhythmo cadenciado, o mar furioso,
As turvas catadupas desdobrando,
D'hymno sublime, eterno, temeroso,
As trovas lentamente vai cantando.

Ruge o trovão de nuvens encoberto,
Da boca ardente chammas despedindo;
Brama o leão no fundo do deserto,
Altivo, a juba aos ares sacudindo.

A Terra treme em ondas sonorosas,
Vibram os montes, uiva a tempestade,
Dos negros antros vozes cavernosas
Retumbam com fragor na immensidade.

E flores, aves, canticos, perfumes,
Procella e brisa, nuvens e onda fria,
Trovões e raios, antros, valles, cumes,
Tudo canta e celebra a Poesia.

IV

Do fundo das florestas seculares
Que vozes são aquellas que se evolam,
Entre nuvens d'incenso que, nos ares,
As perfumadas ondas desenrolam?

Coros selvagens, hymnos bellicosos,
Preces ardentes, lagrimas, gemidos,
Gritos de dor, concertos melodiosos,
Estrugem pelas fragas repetidos.

Co'as amplas chlamydes, e a fouce d'ouro,
Cingida a fronte de virente azinho,
Nas victimas humanas, lendo o agouro,
Surge o feroz druidico adivinho.

Vê-se passar na brenha alcantilada
Hoste medonha, uivando, em desvario,
Qual nos penedos salta, escuma, e brada,
Sulcando os montes, revoltoso rio.

Dobrou porfim o altivo mar o dorso;
Rasgar-lhe o seio sente o duro leme;
Ao impeto do invicto humano esforço
Nas velas geme o ar, e o abysmo geme.

A virgem Terra subito estremece
Sob a potente mão que das entranhas
Lhe arranca a exuberante, rica messe,
E as rochas de granito das montanhas.

Nos valles silenciosos mil bulicios
Rebentam de repente, crescem, troam;
Surgem da terra immensos edificios,
As collinas de templos se coroam.

Titanicas cidades populosas,
Cheias de vida, ardor e actividade,
De muralhas cercadas poderosas,
Attestam quanto pode a Humanidade.

E o culto, a lei, o amor, a paz e a guerra,
Artes e sciencias, magua e alegria,

E o mar sombrio e a fecunda terra,
Attestam quanto pode a Poesia.

V

Prefiro o aroma á flor, e a flor ao fructo;
E planta, fructo, flor, aroma, são
Imagem do Universo, — pois reputo,
Quando co'a mente vejo a Creação,

Os céos jardins, os anjos borboletas,
Os astros flores, a alma vagalume,
Deus, semeador de soes e de planetas,
E a Poesia, o seu mystico perfume.

VI

Filha de Deus, e filha favorita,
A Via Lactea foi seu alto berço;
Os seus paços, a abobada infinita;
Seus estados, o amplissimo universo.

Para a conter num sitio digno d'ella,
A Terra abriu-lhe os templos mysteriosos;
E os homens acudiam para vê-la
De flores coroados, pressurosos.

Sacerdotes primeiro conseguiram,
Por seu amor, o nome de Poetas;
Reis, Principes, de pagens lhe serviram,
E foram seus interpretes, Prophetas.

Seus favoritos eram os Heroes,
Coroados da palma da victoria;
Tomava por emblema rouxinoes,
E o puro amor por symbolo de gloria.

A Morte, cujo imperio tudo sente,
Nenhum nos seus eleitos exercia:
Pois que para viver eternamente
Bastava ser valído da Poesia.

VII

Mas os Prestes um dia a repudiaram.
Reis e Principes foram desleaes,
Prophetas p'ra outros mundos emigraram,
Tornaram-se os Heroes.... industriaes.

Os raios submetteram-se a Franklin;
Supplanta a polvora o trovão potente;
Herschel devassa o celico jardim;
Neptuno a Fulton cede o seu tridente.

E, ao ver-se assim de todos esquecida,
As azas ia aos ares já soltando;
E, triste, a Deusa, á sua despedida,
Vinha saudoso pranto derramando.

Porém no mesmo instante ouvia um canto,
Tão doce e terno e cheio de paixão,
Que as azas recolhendo, e sêcco o pranto,
Não poude resistir á seducção.

Não poude, — e, esquecendo quanto fôra,
A virgem flor dos placidos Espaços,
Cedendo áquella triste voz que a implora,
D'um seductor vulgar cahiu nos braços.

E aquella flor mimosa e casta e pura,
Tornou-se toda amor, qual pomba terna:
E o vate, em premio d'uma tal ventura,
Levou-a ao jogo, aos toiros e á taberna.

Depois em Musa, a Deusa converteu-se,
E a Musa em fragil dama veiu a dar;
E de amante em amante envileceu-se
Até cahir porfim no lupanar.

VIII

Mas lembre-se o traidor poeta indino,
Que um anjo ousa manchar por esse modo,
Que um dia acordarão, pois é destino,
A Deusa lá nos céos, e elle.... no lodo!

JOÃO DE DEUS

As tuas palavras são como um vinho excellente que desliza suavemente (nos labios) do meu bem-amado e que faz falar os labios dos que dormem

CANTICO DOS CANTICOS — VII, 9.

No jardim que vós plantastes
Algumas flores colhi;
Mas, mal sahia d'ahi,
Refloresciam-lhe as hastes,
E outras, e outras flores vi
No jardim que vós plantastes.

Não brilham mais as estrellas
Do que essas flores sem par,
Que me estavam a tentar,

Que eram bellas, bellas, bellas...
Numa noite sem luar
    Não brilham mais as estrellas.

Com pena das que ficaram,
Voltei, ceifei-as, febril;
Mas nasciam-me outras mil
E os meus braços se cançaram...
E deixo esse eterno abril
    Com pena das que ficaram.

Temia que me murchassem
Flores de tanto valor,
E em vaso de agua as fui pôr
P'ra que assim me ellas durassem,
Que, sendo flores de amor,
    Temia que me murchassem.

Não murcham tão lindas flores...
Taes flores não murcham, não,
Que o vaso onde ellas estão
É sacrario dos amores,
E dentro do coração
    Não murcham tão lindas flores.

Quando, de pranto orvalhadas,
Reflectem no seu crystal
A vossa alma virginal,

Oh! donzellas delicadas,
Não ha nada que as egual'
  De vosso pranto orvalhadas.

Se vos vejo esse rocío
Nos dedinhos de marfim,
Roseos, finos, de setim,
Gottejar, suave, em fio,
Creio ver doce alfenim
  Gottejando de rocío.

Ao seio casto e formoso,
Oh! filhas de Portugal,
As rosas d'esse rosal
Trazei com mimo piedoso:
Flores ficam bem ao vall'
  E a um seio casto e formoso.

E se Deus vos der um ninho,
E ao ninho, entre brancos véos,
Um loiro anjinho dos céos,
Adornae o seu bercinho
Com flores de João de Deus,
  Deus velará pelo ninho.

Que ao sentir aquelle cheiro,
Ha-de-se o anjinho lembrar
D'umas que a Deus viu plantar

No seu celeste canteiro,
Nem já lhe extranha o logar
Ao sentir aquelle cheiro.

Tu, a quem mata a saudade
De extinctos, celicos bens,
A quem prostram os desdens
De crua, ingrata amizade,
Saudoso campo ahi tens
Onde mates a saudade.

Vinde a este campo, creanças,
A estes amenos vergeis:
Vereis flores e laureis,
Crystallinas aguas mansas,
Mas espinhos não vereis
Em todo o campo, creanças.

Se Deus vos der longa vida,
Lá tambem, mais d'uma vez,
Ireis, a cada revez,
Achar forças para a lida;
E a melhor campa, talvez,
Se Deus vos der pouca vida.

Entre arrulhos e fragrancia,
Toda a magua se desfaz:
Deixae lá dormir em paz,

Deixae repousar a infancia,
Que lá, no campo onde jaz,
Ha sempre arrulhos, fragrancia,

Verde relva, clara fonte,
E rosmaninho e serpol,
Onde dá primeiro o sol
Quando sai do horizonte,
E onde, á noite o rouxinol,
Canta ao murmurio da fonte.

Oh! rouxinoes, oh! poetas,
Vós, que amor só faz viver,
Vinde a essa fonte beber
Nectar das almas dilectas;
Que p'ra cantar é mister
Ser rouxinoes ou poetas.

E vós, que passais no mundo,
E de olhos no Pae dos paes,
Sem ver o mundo passais,
Vinde a esse campo fecundo,
Que, emquanto alli respirais,
Julgar-vos-heis noutro mundo.

Porque todo o que no peito
Eleva altares á fé,
Quem espera, soffre e crê,

Ha de lá ser satisfeito,
Pois, em tudo quanto vê,
    Vê o espelho do seu peito.

Ai! tambem lá jaz sem vida
Quem esse campo orvalhou
Co'as lagrimas que chorou;
E, qual ave cai ferida
Pelo raio que passou,
    Ai! o Mestre jaz sem vida!

Quem vos ha, flores mimosas,
Quem vos ha de ora cuidar?
Sinto em minh'alma chorar
Mil lembranças dolorosas...
Sumiu-se no letheo mar
    Vosso pae, flores mimosas!

Não, não! ei-lo! bem o vejo,
Por entre nuvens de luz,
Co' esse riso que seduz,
Lançar para a terra um beijo,
Para a terra onde reluz
    Jardim como nesta vejo.

Vós bem o sabeis, oh! Mestre!
Vós sabeis que esse jardim,
De flores de amor sem fim,

Não é um jardim terrestre,
Nem que haja flores assim,
  Vós bem o sabeis, oh! Mestre!

É vosso *Campo de Flores*
Onde um ramo d'ellas fiz;
E o vaso de agua, onde quiz
Reflectir tantos primores,
São meus versos sem matiz:
  Mas, flores? Só vossas *Flores!*

CANÇÃO

> Foge-me a vista ...
> Falta-me o ar ...
> Vê quanto dista
> D'aqui a amar.
>
> João de Deus.

PELOS espaços
Indo a voar,
Quando os seus paços
Abre o luar,

Foge-me a vista,
Falta-me o ar:
Oh! quanto dista,
Luz, o teu lar!

Quando entre flores
Busco, a voar,
Ninho de amores
Onde aninhar,

Foge-me a vista,
Falta-me o ar,
Oh! quanto dista,
Paz, o teu lar!

Traz da fortuna,
Indo a voar,
Já pela duna,
Já pelo mar,

Foge-me a vista,
Falta-me o ar,
Oh! quanto dista,
Sorte, o teu lar!

Quando na guerra,
Indo a voar,
Honras da terra
Vou conquistar,

Foge-me a vista,
Falta-me o ar,
Oh! quanto dista,
Gloria, o teu lar!

Crescem as maguas,
Vindo a voar,
Crescem quaes aguas
Crescem no mar;

Foge-me a vista,
Falta-me o ar,
Oh! quanto dista,
Deus, teu olhar!

Vão na descida,
Vão a voar,
Bens, sonhos, vida,
Sol e luar;

Foge-me a vista,
Falta-me o ar:
Quão pouco dista
O ultimo lar!

PER AMICA SILENTIA LUNÆ

Oh! doce luz, oh lua!
Que luz suave a tua,
E como se insinua
Em alma que fluctua
De engano em desengano!

João de Deus.

Não é ficção, *oh! doce luz, oh! lua*,
Nem de eras que lá vão mytho profano;
A crença de *que a luz suave tua*
É balsamo celeste, filtro arcano.

Sublime crença! *e como se insinua*
No triste, espedaçado peito humano,
Qual fresco orvalho *em alma que fluctua*
De dor em dor, *de engano em desengano!*

Quando, ao sahir da lucta, ensanguentado,
Corrido pelo escarneo e riso frio,
Exhausto, o homem cai, desesperado,

E a vista ao céo levanta, e, em desvario,
Vê co'a esperança extincto o sol ao Oeste...
Ah! como és bella então, Lua celeste!

TAGIDE

> Ondas de fogo, uma a uma,
> N'aquelle peito de espuma
> Eram as ondas do mar!
>
> João de Deus.

O branco cysne fremente,
Que, ao sopro de amena brisa,
Ou á luz de um sol ardente,
Co'o bico as pennas aliza,
Ou dorme tranquillamente,
Ou de onda em onda desliza,
Ficando ao pé d'elle escura
A celeste neve pura,

Em brancura não podia
Comparar-se áquella fada,
Mais alva que a luz do dia,
Mais formosa que a alvorada,
Que, ao vê-la, cuidei que via,
Sob a pelle immaculada,
Ondas de fogo, uma a uma,
N'aquelle peito de espuma.

INSPIRATION

(A João de Deus)

Un vent impétueux fait trembler la montagne;
Les rochers fracassés sont lancés jusqu'au ciel;
Les arbres en lambeaux volent dans la campagne:
«Dieu n'est point, dit Elie, en l'orage cruel!»

Soudain la nue éclate, et verse un feu qui gagne
Et le ciel et la terre et l'Horeb solennel;
La foudre gronde, et l'onde en hurlant l'accompagne;
Mais le prophète dit: «Ce n'est point l'Eternel!»

Voici qu'un doux zéphyr, léger comme un vol d'âmes,
Succède, harmonieux, aux bruits, aux vents, aux flammes:
Lors Elie, à genoux, reconnut le Seigneur.

Le Seigneur dans la paix et non dans la tempête
Se complaît comme vous, ô tendre et doux poète:
Il est zéphyr de l'âme, et vous, parfum du cœur!

CAUSAS E EFFEITOS

> Parece o pésinho,
> De lindo que é,
> Ligeiro e lévinho,
> O d'um passarinho
> Voando de pé!
>
> João de Deus.

Não sei como possa,
Esbelta qual é,
Tão viva e tão moça
Andar co' esse pé.

A relva que roça,
E mal o entrevê,
Lá fica sem mossa,
Que apenas se crê.

Mas, se herva não sente
Como a alma e a mente
Tão leve impressão,

É ver qual estrago
Fez cá, onde a trago,
No meu coração.

CANÇÃO

De folha em folha
A flor se esfolha
Bem cedo, e olha
Que és uma flor!...
João de Deus.

Rosita amada,
Anjinho, fada,
Pombinha alada,
Botão de flor!
Vê quanto dura
Odor, frescura,
Na rosa pura,
No lirio a cor.

Voando leve,
Carreira breve
Veloz descreve
O abril do amor;

Mas, fragil taça,
O viço, a graça,
Desfaz-se e passa,
E fica a dor.

A dor sómente,
A dor não mente,
A dor se sente
Co'o mesmo ardor.
A luz se apaga,
Amor naufraga;
Do tempo á vaga
Quem se ha de oppor?

De rosa em rosa,
Vai, vem, anciosa,
A mariposa,
Em derredor;
O mel libando,
E mal pousando,
Eis senão quando
Cai sem vigor.

Assim, doudinha,
Vais tu, Rosinha,
Gastando asinha
O teu verdor.
Ah! ouve, Rosa,
Ouve a amorosa

Voz sonorosa
D'esse cantor,

Que ás rosas fala,
Que as aves cala,
Que a dor embala,
Todo elle amor:
«*De folha em folha*
A flor se esfolha
Bem cedo, e olha
Que és uma flor!...»

JOÃO DE DEUS

João de Deus ha só um.
M. Duarte d'Almeida.

al é minha opinião...

Reçuma pranto a pupilla,
E a nossa mente destilla
Gotta a gotta a reflexão;
Mas, para ter fogo e vida,
Ha de ella ser submettida
A outra elaboração,
Que sómente se effectua
Juncto ao sangue que fluctua
No meio do coração.

Subito a ideia apparece,
E qual orvalho esplendece
Engastada na expressão:
Assim, a todo momento,

A essencia do pensamento
Nasce por destillação.

Como a alva nuvem que os mares
Lançam dia a dia aos ares
Em lenta evaporação,
E que depois, quando esfria,
Forma, ao descer dia a dia,
Chuva, neve ou cerração,
Assim, sem nada que o explique,
Destilla o mesmo alambique
De tudo, sem distincção.

Ora estilla herva damninha,
Ora igneo sumo da vinha,
Ora flores em botão:
E d'hervas, uvas e flores,
Veneno, aromas, licores,
Vão coando á proporção.

Destilla Zoilo veneno,
Filtra elixires Galeno,
Sciencia estilla Platão,
Sonoros cantos as aves,
O dia effluvios suaves,
Progresso a luz da razão.

Mas o coração jubila
Á clara luz que destilla
O sol da religião.

Quem é pois, quem é que empalma
E refiltra dentro da alma
A universal concepção?
É a eterna poesia
O crisol d'essa harmonia
Que destilla a creação.

E de todo quem o fado
Tem do berço consagrado
Para tamanha missão,
Que no mundo todo inteiro
João de Deus é o primeiro,

Tal é minha opinião!

Á SOMBRA DA FÉ

(A João de Deus)

> Deixal-o. Amor acaso
> É racional? Não é.
> O fogo em que me abrazo
> É como a luz da fé.
>
> João de Deus.

Sonhei que aos bosques ia,
Depois de occulto o sol,
Dar vôo á phantasia
E ouvir o rouxinol.

E o rouxinol soltava
Na sombra tristes ais;
E quanto mais cantava
Crescia o encanto mais:

«Oh noite! que mysterios
Afaga o teu luar!

Que seres mil ethereos
No Espaço a vaguear!

Chrysalidas celestes,
Livres voando emfim,
Lá vão as almas prestes
Ao mystico festim.

Já formam, leves, bellas,
Phantastica espiral,
Que prende co'as estrellas
O amplexo universal.

E qual a buliçosa
Infancia da aula sai,
Ou como á fresca rosa
O activo enxame vai,

Essa buscando alento
Para o labor cruel,
Aquella p'ra o sustento
As gottas do seu mel,

Assim á luz da lua
O enxame de almas vem,
E folga, ri, fluctua,
Em rhythmico vaivem.

E todas, á porfia,
No puro, mutuo amor,
P'ra as luctas de outro dia
Recobram novo ardor.

Só eu, no mundo, triste,
Não sei que é descansar;
Meu mal cresce e persiste
Como o encrespado mar.

Oh! Numes vaporosos,
Espiritos que a paz
Convida aos doces gosos
Onde se a dor desfaz!

Vêde quão grande, austera,
Quão longa é minha dor:
Eu vivo só na esphera,
Sem paz e sem amor!

O amor não é da terra,
Pois nada o satisfaz,
Que tudo o que ella encerra
Me não devolve a paz.

A paz, que a tudo alcança,
Negaram-m'a ao nascer;

Eu vivo sem esp'rança,
No mundo a padecer!

Por isso á dor me entrego,
Meus ais confio ao ar;
Por ver se assim socego,
Não cesso de chorar.

Não é meu canto o terno
Gorgeio do arrebol:
Eu vivo em fogo eterno,
Sou o triste rouxinol!

As horas passam lentas,
Sem fim, sem ideal,
Rolando mil tormentas
O curso seu lethal.

E cada hora que passa,
Roubando-me o valor,
Ao viço tira a graça
E as petalas á flor.

Assim, sem piedade,
Levou-me quanto amei,
Deixando-me a saudade
Do bem que nunca achei.

Adeus, fugaz ventura,
Que viu meu coração:
Eu vivo de amargura
E morro de paixão!

Oh noite! noite escusa,
Ah! deixa vir o sol,
Talvez o sol conduza
Allivio ao rouxinol!

E vós, tropel sagrado,
Deixae-me descansar,
Que o rouxinol, coitado,
Não pode mais cantar!

— «Mais, mais, pobre avesinha,
Mais, mais uma canção,
Que Deus te fez rainha
Da noite, e seu pregão.

Teus sons, Deus os escuta:
Das almas são a voz,
Que narra a crua lucta
Da dura vida atroz.

Interprete sublime
De toda a creação,

Tu lavas todo o crime
Nas ondas do perdão.

Teu doce canto ensina
Ao fraco, ao forte, aos reis,
Do bem a luz divina,
Do eterno amor as leis.

Durante a noite fria,
Derramas sem contar,
Torrentes de harmonia,
Caricias de luar.

Tu cantas a belleza
Das obras do Senhor,
E toda a Natureza
Te escuta com fervor.

Paixões ou saudade,
Esquece-as quem te vê;
Tu mostras a verdade
À clara *Luz da Fé*.

Prosegue pois teu fado
Cantando sem cessar;
Que o rouxinol, coitado,
Só vive p'ra cantar!»

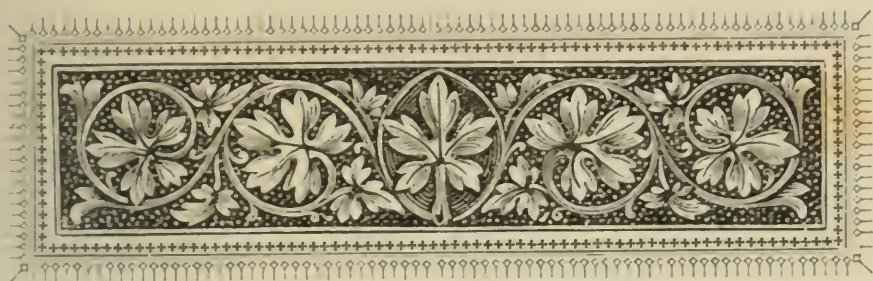
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

— Como subtil queixume
Que leva a viração,
Sumiu-se a voz do Nume
E a celica visão.

E ao ver o sol risonho,
Fiquei todo a scismar
Naquelle extranho sonho
E em quem lhe deu logar.

De prompto mil fulgores
Ferindo os olhos meus,
Vi... teu *Campo de Flores,*
Divino João de Deus!

CAMÕES

Ao Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro

A CAMÕES

Depois que vi tão alta e deslumbrante,
Em todo o seu esplendor, a Musa tua,
No ardor cuidando ver o sol brilhante,
Cuidando na doçura ver a lua,

Humilde, os olhos puz no chão, perante
A aureola fulgente em que fluctua;
Dizendo: Que Ella mesma em versos cante
O genio teu e a graça infinda sua!

E então, abrindo o livro que escreveste
Co'a penna que das azas te cedeu,
Ouvi distincto um cantico celeste,

Que subito d'alli se desprendeu;
Fui ver... Era o soneto que fizeste
À Musa, ou Dama, ou Anjo, ou Genio teu!

CAMÕES A CAMÕES

Quem, *Poeta,* presuma de louvar-vos
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.

Não aspire algum canto a celebrar-vos,
Por mais que seja raro ou peregrino,
Pois de vossa *grandeza* eu imagino
Que só comvosco o Céo quiz comparar-vos.

Ditosa *a patria* vossa, a que quizestes
Pôr em posse de prenda tão subida
Qual esta que benigno *ao mundo* déstes.

Sempre será *o encanto* d'esta vida,
Que, em menos estimar *o que* fizestes,
É prova d'alma torpe, vil, perdida.

CYCLOPE

Raios, no Etna, o Cyclope fabricava;
E por que um sulco tracem sempre recto,
Na fronte um sol trazia o architecto,
E olhos não tinha mais, nem precisava.

Versos, Camões, igniferos forjava;
E, Cyclope, a relampagos affecto,
Mostrava de Cyclope alma e aspecto,
E, em vez d'olhos, um sol o illuminava.

Não me falem de versos quando leio
Os do genio do Genio das Tormentas,
Que, se outros oiço depois d'estes, creio,

Dos céos deixando as tempes opulentas,
Ouvir, depois de celestial gorgeio,
O rangido de serras ferrugentas.

NAUFRAGIO DE CAMÕES

Que mysterios, meu Deus, que o mundo encerra!
O Espirito Divino, só, pairava
Sobre o mar, quando o mar cobria a terra;

Depois, quando o diluvio a devastava,
Sobre a face das aguas, na Arca immensa,
O Espirito dos Homens fluctuava;

Assim, mais tarde, só, e sem defensa,
Sobre as aguas do Nilo se movia,
Num fragil berço, o Espirito da Crença;

E assim tambem, co'as ondas á porfia,
Camões luctou por conservar á terra,
O Espirito da Patria e da Poesia.

Que mysterios, meu Deus, que o mundo encerra!

AMORES DO POETA

Emquanto a um mundo rege a lei d'um centro,
Ignifero qual é, forma um só todo,
Que em si vive e de si, do mesmo modo
Que a mente absorta nas visões de dentro.

Mas, roto o laço que o prendia ao centro,
Explode o astro pelo Espaço todo,
Brilhando ao apagar-se de egual modo
Que se astros outros mil tivesse dentro.

Tal gira o bardo em volta d'algum centro,
Em volta d'um amor que o prende todo,
Fechando-se em si mesmo, por tal modo,
Que soffre, chora e ri, tudo por dentro.

Mas, finda essa attracção e extincto o centro,
Em lava explode ardente o verso todo;
E o bardo, que se apaga d'esse modo,
Por fora é fogo, e cinzas só por dentro.

O GENIO DE CAMÕES

Espaço e Tempo ao Genio adversos nunca foram,
Pois ante tudo o Genio é filho favorito
Do Pae, que os outros dois como Senhor adoram,
E terra, e mar, e céo nomeiam — Infinito.

Espaço e Tempo e Genio um só pendão arvoram:
Teem todos tres missão egual e o mesmo fito;
Na eterna Creação, co'o eterno Auctor laboram
No campo a cada qual na immensidão prescripto.

Do Espaço o seio é fonte, inexgottavel, vasta,
Que, dando a luz e a vida a immensas creações,
Concebe sempre mais e não diz nunca: Basta!

O Tempo gera e tece as multiplas acções,
E o Genio as obras mil dos seus Irmãos contrasta,
Qual claramente o prova, o Genio de Camões.

GIGANTES E PIGMEUS

Á planta vil um só verão dá vida e morte;
Mas p'ra cravar na rocha a garra desmedida,
E as nuvens dominar co'a fronte immensa erguida,
De seculos precisa o cedro nobre e forte.

Roseira fragil vive a encostas arrimada;
Mas a palmeira, altiva, e só, e a descoberto,
Olhando fito o sol no meio do deserto,
De tigres e leões é sempre acompanhada.

Qual planta sem vigor, em vinte gerações,
Quanto escriptor sumido e sem deixar vestigio!
E em vinte gerações, oh! singular prodigio!
Que bello, e grande, e vivo e lido está Camões!

CONSAGRAÇÃO DE CAMÕES

Não sei se alguem já disse, e, se não disse, digo
Que todo, a quem o Fado a gloria dar intente,
Ha de ir da Humanidade ao berço illustre, antigo,
Ungido ser da mão dos Numes do Oriente.

É lá que nasce a luz — a luz que anima a terra,
E a santa luz da Fé, e a luz da sciencia amada;
E é lá que a palma cresce, e é lá que o deus da guerra
Transmitte de Alexandre a Bonaparte a espada.

E o Fado quiz que um bardo insigne do Occidente,
De todos o maior em estro e dignidade,
Tivesse lá tambem, nas aguas do Oriente,
O baptismo da gloria e da immortalidade.

O JAU

A vil ingratidão é coisa que abomino;
Quereis honrar um cego? honrae seu pobre cão:
O amigo, o servo, o guia, o ser fiel e dino,
Que teve mais que vós por elle compaixão.

Eleva-se a Camões suberbo monumento,
E, dos que nada ou pouco em vida o ampararam,
Cercado o vejo... mas, oh! triste esquecimento!
Os que, por esta forma, o grande vate honraram,

No meio d'esse grupo insigne, illustre, augusto.
E até com mais razão acima d'elle um grau,
Deviam tambem pôr (como era, creio, justo)
A imagem do fiel e dedicado Jau.

A BARBARA-CAPTIVA

(Ao meu carissimo amigo Dr. Xavier da Cunha)

O' Phebo! deus do sol e da poesia!
Teu nome saudoso é inda agora,
Por quem a luz e as artes aprecia,
Louvado e invocado como outrora.

Ha dois mil annos, quasi, alguem ouvia
Bradar: Os deuses vão-se, vão-se embora!
E foram... Mas, nem tudo se perdia,
Ficando o deus da lyra e deus da aurora.

E agora, ó Nume altissimo e clemente,
Escuta a minha humilde rogativa,
E dá-me um raio só de luz fulgente,

Para a fronte da fada compassiva,
Que entendeu, por ser filha do Oriente,
E amou teu filho — a *Barbara-Captiva!*

EPITAPHIO

Aqui e alli e em toda a parte jaz
Um átomo qualquer do Heroe-Poeta:
Um átomo, porêm, de luz, capaz
De illuminar a sombra mais completa.

SIMILITUDES, CONTOS

E

FABULAS

A AMIZADE

(A Manuel Thiago Henriques Delgado)

Em vaso bem sellado, o vinho purpurino,
Co'o tempo cresce em gosto, em transparencia e cheiro;
E, em bem formado peito, o affecto verdadeiro,
Co'os annos é mais puro, ardente, adamantino.

Perde, agitado, o vinho, o lustre crystallino;
Mas logo, em repousando, o reassume inteiro;
E o amor alvoroçado, ao seu ardor primeiro,
Illeso volta após arrufo pequenino.

Mas, eive-se o crystal, e, por melhor que seja,
Coando pela fenda, em horas, dias, mezes,
Excepto a lia vil, o vinho se despeja.

Ai! triste da affeição, que, sem saber, ás vezes,
Incauta mão feriu!... da chaga então gotteja
Em sangue o extincto amor, e ficam só... as fezes.

LIVROS E LIVROS

O Diabo Coxo, coxo tal qual era,
Premiou com um passeio interessante
Quem o tirou do frasco, onde durante
Crueis e longos annos estivera.

E o Clavilenho Aligero, que dera
Malambruno ao Manchego extravagante,
Cego levara o Cavalleiro Andante,
E cego como de antes o trouxera.

Um livro bom, ainda que claudique,
E para a phantasia a leve nau,
Que apraz e instrui e nunca vai a pique.

Mas livro sem ideia é livro mau,
Que nada deixa ver, por mais que explique,
Ao cavalleiro em tal corcel de pau.

AUCTORES E AUCTORES

(LENDA ORIENTAL)

(A A. R. Gonçalves Vianna)

PERDENDO a mãe ao receber o dia,
O filho d'um ricaço do Oriente,
Do filho da ama o leite compartia,
Quando ama e pae morreram de repente.

Mais tarde, a Lei, que distinguir queria
Qual o filho do dono ou da servente,
Co' algum sangue dos dois humedecia
Um osso do riquissimo parente.

Nenhum vestigio deixa o sangue extranho;
Mas o do filho fez signal tamanho,
Que era por força o sangue d'aquelle osso.

D'um bom auctor, humano, sempre apanho
Seja o que fôr; mas, de auctor mau, não posso:
É que não é, talvez, do sangue nosso.

OS MAUS PENSAMENTOS

Espesso fumo infecto eleva-se da braza:
Logo as janellas abro, e corro ao lume logo;
E, emquanto o fumo sai, ao Céo benigno rogo,
Que em hora tal ninguem precise entrar-me em casa.

Negra fumaça o peito ás vezes extravasa,
São pensamentos maus buscando desafogo;
Mas, sem tardar, expulso, ou dentro da alma afogo,
Senão, fugindo, escondo o fogo que me abraza.

Por bem alheio e proprio, em certas conjuncturas,
Cumpre, occultando aos mais, nossa alma ou nosso lar,
Poupar-lhes nosso humor, e a nós, suas censuras.

Que em tudo é sempre bom a hygiene respeitar:
Trazer sempre no peito ideias dignas, puras,
E em casa sempre ter bem claro e puro ar.

A DISSIMULAÇÃO

Alguem, vendo chegar ao longe um seu amigo,
Para esconder-lhe as mãos que traz enxovalhadas,
As luvas calça á pressa, e, livre de perigo,
Conversa e folga e ri com elle de mãos dadas.

Mas logo, por descuido, ou seja por castigo,
Esquece na conversa as nodoas malfadadas,
E, abstracto retirando as mãos fóra do abrigo,
As artes suas logo assim ficam baldadas.

A hypocrisia em vão pretende rebuçar-se
Co'o manto da virtude, e cuida que seduz:
Mal teve uma abstracção, cahiu logo o disfarce.

Debalde occulta o rosto a exemplo da avestruz;
Mas, como pode abutre em pomba transformar-se?
Que hedionda ás vezes fica uma alma á grande luz!

O NATURAL

(DITO ARABE)

Chassez le naturel, il revient au galop.
BOILEAU.

METTERAM uma vez, afim de a endireitar,
Dez annos numa prensa a cauda d'um lebréo;
Mas, solta apenas foi, tornou logo a entortar.
Quem torto ao mundo vem, vai, como veiu, ao céo.

EMPECILHOS

Um cão ha de poder a via embaraçar
A um homem? Não! co' um pau afasta-se o insolente,
De cuja audacia é causa o medo que em nós sente,
E ávante a gente passa e deixa o cão ladrar.
Na via do dever ha sempre um cão presente,
Mas o homem quer-se forte, e ávante ha de passar!

ESPERANÇA

(A D. Josephina de Vasconcellos Abreu)

Já fino capitel ao céo alçava,
Crescendo á pressa, o lirio de Sarão,
Sobre fragil columna que lembrava
Sylphidicas donzellas de Sião.

Ufano, ao sol as folhas desdobrava,
Confiado nas brisas do verão;
E um dia, quando o astro despontava,
Despontava-lhe alvissimo botão.

Mas igneos raios subito o feriram,
E seiva, aroma e viço lhe exhauriram
Os brutos, seccos labios do Suão.

Ora, ao findar o dia, o sol poente
Viu resurgir as brisas do Oriente,
E altivo erguer-se o lirio de Sarão.

ILLUSÕES

Oh! terra, terra! e como nos engana!...
Que, sendo curva, nos parece plana...
E o espaço devorando,
Qual ave que persegue um raio ardente,
Girando e cambaleando,
Com bruscos movimentos de demente,
Quanto ella mais se move, corre, oscilla,
Mais nos parece immovel e tranquilla!

Oh! vida, vida! e como nos illude!...
Que ao pé do berço aprompta o ataude...
E o nosso peito enchendo
De immensas, transcendentes ambições,
E flores promettendo,
E amor, e luz, e paz aos corações,
Quanto mais offerece menos dá...
E a gente vai-se — e fica tudo cá!

O PESADELO

Oh! Deus das pobres mães, que negro pesadelo!
Sonhei que, em terra extranha, em pranto immerso via,
No fundo d'uma esconsa e lobrega enxovia,
Meu filho, meu só bem, tão novo e meigo e bello.
Porêm, emquanto, inquieta, assim o contemplava,
Cuidei ver, de arma em punho, horrivel homicida,
Que, com medonho olhar e a forte dextra erguida,
Na lugubre morada, a passo e passo entrava.

Qual aguia em pleno céo ferida mortalmente,
Pedindo ao vento auxilio em sua desventura,
Extende quanto pode a vasta envergadura,
E, apenas quer voar, sossobra de repente:
Tal, quando, ao ver meu filho, o céo já via aberto,
Senti meu sangue todo em gelo convertido;
Debalde quiz gritar, voar contra o bandido,
A força abandonou-me em tão cruel aperto.

E assim, pregada ao chão por um fatal destino,
Vi, sem poder valer-lhe, o filho da minh'alma,
Co' a fronte sobre a mão, na mais profunda calma,
Inerte, offerecer-se aos golpes do assassino.
Mas este, ainda mais sombrio, inexoravel,
Prosegue em seu intento, e, para a amada testa,
Engatilhada já, levanta a arma funesta,
Que vai deixar-me só no mundo, inconsolavel.

Então, naquella angustia horrenda, immensa, atroz,
Dilacerando o corpo exangue em mil pedaços,
Quebrei, num derradeiro arquejo, os ferreos laços
Do gelido torpor que me tolhia a voz.
«Misericordia!» uivei; e, juncto do meu filho,
Lançando-me por fim co' o mesmo impulso,
Chorava aos pés do algoz num soluçar convulso,
Que interrompeu o som sinistro do gatilho.

«Maldito sejas tu! bradei quasi demente,
Monstro feroz! que Deus, que vê meu triste peito,
Sem fim te pague o mal sem fim que me tens feito!
Maldito sejas tu! maldito eternamente!»
E então, voltando ainda o rosto para vê-lo,
Pintados, ai de mim! ao vivo descortino,
Nas faces do meu filho, os traços do assassino...
Oh! Deus das pobres mães, que negro pesadelo!

INGRATIDÃO FILIAL

Quando, feliz e contente,
O lavrador diligente
Vê, depois de mil fadigas,
Mil sacrificios e dores,
Cobrir-se o campo de espigas,
Cobrir-se o valle de flores;

Quando a messe abençoada,
Dos seus suores regada,
Mais que da chuva celeste,
Trasborda na sua seiva,
Que, na dura lida agreste,
Derramou de leiva em leiva;

Quando lhe os olhos deleita
A já proxima colheita
Que o seu fervente desvelo
Mais opulenta fizera
Do que o sol ardente e bello
E as brisas da primavera:

Oh! quão duro, atroz, nefando
Golpe que o fulmina, quando,
Perto do almejado termo,
Flagello horrendo mudara
Os verdes campos em ermo,
Em abrolhos a seara!

Filho ingrato e dissoluto
Dá geralmente egual fructo,
Salvo que a terra ha de um dia
Outorgar novo proveito;
Mas quem filho ingrato cria,
Cria uma aspide no peito.

AS CASAS DO CORAÇÃO

(Resposta a Anthero do Quental)

O coração tem dois quartos
Onde o crente sempre vê:
Num a esp'rança, noutro a fé.

Ha um terceiro e mais um quarto
Onde residem tambem:
Num o mal, e noutro o bem.

Ao mal diz a fé: Cautela!
E ao bem a esperança diz:
Constancia! e serás feliz.

O PASSARINHO E AS DUAS SERPENTES

Cantava na verde moita
Prazenteiro passarinho,
Pensando talvez no ninho
Onde a ninhada se acoita.

Cantava a estação das flores,
Cantava o astro do dia,
Cantava a santa alegria
Dos seus primeiros amores.

Cantava a graça divina
Que tantas prendas lhe deu,
Que lhe deu voz peregrina
E as azas lhe concedeu.

Cantava o goso profundo
Que na paz da vida achava,
Cantava o campo fecundo
E a liberdade cantava.

Não longe do lindo ninho,
Onde a ninhada se acoita,
Cantava o bom passarinho
Poisado na verde moita.

Eis senão quando...
Sob as espessas hervas rastejando,
Aspide horrifica,
Por um lado da moita onde pacifica
A ave chilreia,
A devora-la acode, fera e feia;
E ao mesmo instante,
Pelas sombrias urzes encoberta,
Cobra gigante
Do lado opposto vem de guela aberta
Contra a coitada,
Fraca avesinha que, na verde planta
Inda poisada,
Esquece a terra e o Infinito canta.

Sulcando impacientes
Os campos virentes,
As duas serpentes,
Quaes ascuas ardentes,
Devoram o espaço:
E os olhos chammejam,
E as linguas dardejam,
E as babas gottejam,

E do alvo que almejam,
Já só dista um passo.

O corpo d'aço arqueiam já p'ra o salto;
Mas, Deus que nunca os bons desamparou,
Envia a brisa ao bosque espesso e alto,
E a brisa foi, e subito afastou,
Dobrando a moita, o passaro do assalto,
E assim da morte, o passaro escapou.

Mas que conflicto alli, na moita, soa?
Cuidando só na presa cubiçada,
Veloz a vibora sibila e voa,
Qual setta por mão forte arremessada,
De encontro á guela que, de fronte, á toa,
Lhe surge immensa, atroz, ensanguentada.

Cedendo ao impulso da horrida investida,
Ambas a um tempo as fauces se fecharam;
Da vibora a cabeça foi partida,
Mas seus dentes furiosos se enterraram
Na lingua da outra cobra espavorida,
E ambas... a morte em vez da presa acharam.

E lá, no espesso arvoredo,
Naquelle instante se ouvia,
Um canto suave e ledo
De ineffavel melodia.

Era o canto da victoria
Da avesita agradecida,
Louvando a suprema gloria
De Quem lhe salvara a vida.

OS TRES COMPANHEIROS E O CARNEIRO

(CONTO ARABE)

Em longes terras do Oriente,
Associaram-se uma vez
Um sectario do Crescente,
Um de Christo, um de Moisés:
Todos tres bem boa gente,
E bem pobres todos tres.

Faltando sempre o dinheiro,
Nunca a fome lhes faltou,
E por isso é que primeiro
De matá-la se tratou
Co' um bellissimo carneiro,
Que um dos socios apanhou.

Ora, nesse mesmo instante,
Poz-se o Islamita a dizer:
«Não sendo o animal bastante

Para os tres satisfazer,
Proponho que d'elle jante
Quem melhor sonho tiver.»

Nisto cada companheiro
Em jejum se foi deitar;
Mas, não podendo o matreiro
Judeu a fome aturar,
Ergue-se, come o carneiro,
Deixando os mais a... sonhar.

Mas, co' o dia despertando,
Resolveram todos ir,
Ante alcaide venerando,
Os seus sonhos referir.
E o mouro, o caso explicando,
Disse em seguida ao Emir:

«Co' o Propheta verdadeiro
Em sonhos subi ao céo,
Onde, risonho e fagueiro,
Huris sessenta me deu.»
— «Ah! diz o Emir, o carneiro
Ha de ser por força teu.

No emtanto manda a justiça.
Cujo interprete aqui sou,
Que tambem o filho d'Iça

Nos refira o que sonhou.»
E o christão, que a fome atiça,
Em seguida assim falou:

«Sonhei subir, num luzeiro,
Com Iça ao setimo céo,
Onde, risonho e fagueiro,
Onze mil virgens me deu.»
— «Onze mil! Pois o carneiro
Não pode ser senão teu!»

Assim gritam co' enthusiasmo
A assembleia e o juiz,
Lançando ao mouro um sarcasmo
E outro ao Hebraico infeliz;
Mas depressa augmenta o pasmo
Quando se este adeanta e diz:

«A Satanaz sobranceiro,
A Satanaz só vi eu,
Que, da morte mensageiro,
Com um cacete me deu;
Dizendo: Come o carneiro
Ou vais morrer, ó Judeu!

«Eu, lembrando-me do ajuste
Que co' os meus collegas fiz,
Por mais que a morte me assuste,

Comer sósinho não quiz,
E vou ter, custe o que custe,
Co'os meus amigos gentis.

Mas encontro que o primeiro
Foi co'as huris para o céo;
O outro, vejo-o, altaneiro,
Co'as virgens qu'Içа lhe deu;
Tive então de ir ao carneiro
E comê-lo todo... eu!»

O ESPIRITO E A MATERIA

Onde cuidam que, uma vez,
A lua de mel gostosa
Foi passar co'a linda esposa
Um recem-casado inglez?

Na França, Italia, ou Hespanha?
Na Suissa ou em Portugal?
Foi na Russia ou na Allemanha?
Grecia, Suecia, Hollanda?... Qual!

Não foi em terra habitada
De agreste ou culta nação;
Foi na Sáhara abrazada,
Na barquinha d'um balão!

Assim pelo menos pensa
Auctor francez afamado,
E, com pouca differença,
Conto o que me foi contado.

E, como esse amor aereo
É bem digno de memoria,
Eu conto-o ou canto-o a serio
Nesta seriissima historia.

Já singrava em céo aberto
O casto par de Albião
Atravez do grão Deserto
No confortavel balão;

Desde o qual, os dois amantes,
De mais fresco, vista e ar,
Desfructavam, sem arcar
Co' as areias suffocantes.

E, para mais precaução,
Preso levam seu balão,
Por extensa corda a um elo
Da corrente d'um camelo.

E diz tambem nosso auctor,
Que, na curva giba esguia,
O mesmo animal trazia
O fardel e o conductor;

E que, emfim, quando convinha,
O som d'uma campainha

Punha em communicação
Os das nuvens co'os do chão.

A viagem, nestes termos,
Proseguia muito bem:
Uns pelos ares além,
Outros nos aridos ermos.

Eis senão quando... uma voz
Leonina, horrenda, atroz,
Rompe uma noite, ahi perto,
O silencio do deserto.

O alarmado conductor
Foge logo a toda pressa,
E ao camelo se arremessa
O ferino rugidor.

Na terra que a noite enlucta,
Ha uma curta e crua lucta,
E entre as nuvens o balão
Sente immensa agitação.

Corre atravez do deserto
O quadrupede infeliz:
Mas, segundo a historia diz,
(E o que a historia diz é certo)

Essa carreira infernal
Foi atalhada afinal
Pela inexoravel sorte,
Que fez ao leão mais forte.

Grande no emtanto é a dor
Do casal inglez exhausto,
Que, entre angustias e terror,
Renega do dia infausto,

Em que fez o estulto plano
De ir, nesse fragil baixel,
Ver, no deserto africano,
Nascer-lhe a lua de mel.

Da aurora, emfim, surge a luz,
E, co'a luz e as auras puras,
Sobre a terra e nas alturas,
Nova scena se produz.

O leão deixa o camelo
Sem acabar de comê-lo;
E os inglezes assistiram
Ao que nunca d'antes viram.

Do deserto em derredor,
Uivos, clamores, estrondos,

Festins sanguentos, hediondos,
Que o sangue gelam de horror,

Tudo o que a voracidade
Tem de espantoso e abjecto,
Tudo viram co' anciedade,
E ao fim de tudo um 'squeleto;

E a esse esqueleto amarrados,
No abandono mais cruel,
Nem se lembram já, coitados,
Da grata lua de mel.

Cresce, cresce o desconforto
No balão que, noite e dia,
Sem auxilio e só se via
Assim preso a um corpo morto;

Mas, pouco a pouco, em destroços,
O tempo, o sol e o deserto,
Para tira-los do aperto,
Reduziram esses ossos.

Emfim, o vento desliga
Do cadaver o balão;
E, em braços da brisa amiga,
Eis nossos noivos lá vão

Da gorada tentativa
No seu paiz descansar:
E aqui nosso auctor se esquiva
Por não ter mais que contar.

....
....
....
....

Deixando pois nosso auctor,
Vamos nós a um commentario,
Ou discreto ou temerario,
Ou seja, emfim, como fôr.

Que não ha tão simples feito
Em tudo quanto se vê,
Que, ponderado, não dê
Uma lição de proveito.

E, pois estás avisado,
Benigno leitor amigo,
Não te espantes se te digo,
Que, bem ou mal comparado,

Ha tal ou qual parallelo
Entre o duplo ser humano,

E entre o balão e o camelo
Do britannico insulano.

Nosso ser é compellido,
Qual o fôra o dromedario,
Por duplo impulso contrario,
Quer num, quer noutro sentido.

Ora a terra nos attrai,
Ora o céo a si nos chama:
Somos anjo e somos lama,
Um se eleva, a outra cai.

O fardel do pobre bruto,
A corrente, albarda e brida,
Quaes os cuidados da vida
E os achaques, os reputo.

Leão e feras comparo
Á morte e vermes famintos,
O deserto ao mundo amaro,
E o conductor aos instinctos.

E aquelles que, desde a altura,
Commandavam aos do chão,
São a imagem da alma pura,
Que a sciencia em nós busca em vão;

D'essa alma ou astro captivo,
Duplo e um, como a Polar,
Androgyno e reflexivo,
E agitado mais que o mar,

Que do alto dos céos conduz
Nosso baixel ao seu norte,
Por tenue raio de luz,
Que apaga o vento da morte;

Que apaga, sim, mas não rompe,
Porque tudo a alma ha de ver:
Qual a carne se corrompe,
Qual a terra ha de a comer;

Até vir propicio instante,
Em que, livre de grilhões,
Poderá seguir ávante,
Sabe Deus a que regiões.

ASTROS QUE NASCEM

E

ASTROS QUE SE APAGAM

(A Joaquim José de Barros)

I

Que resta nos Espaços
Do esplendido cometa cujas pyras,
Trançadas co'as estrellas mais brilhantes,
Figuravam madeixa de diamantes
Em fios d'oiro e campo de saphiras?
Uns pallidos e escassos
Vestigios d'essa fulgida madeixa?
A sombra do que foi? ou bem, ainda,
A illusoria impressão fugaz, que deixa
Em nosso olhar a luz depois de finda?

Oh! tudo brilha assim e tudo expira...
E o mundo, indifferente, gira, gira...

II

Mas o que mais me assombra,
E encontro mais extranho neste caso,
É que não foi nas fauces do Occidente,
Como a lua ao cahir e o sol poente,
Que o astro adormecera em fundo occaso;
Não se perdeu na sombra...
Perdera-se na immensa luz dos céos,
Como se occulta ao sol branco velame,
Como se some o passaro no enxame,
Como a alma quando volta para Deus.

Que tude afflue alfim para a nascente,
E o mundo gira, gira, indifferente...

III

Da prodigiosa teia
Que um mundo aos outros mundos enlaçou,
O Summo Auctor do eterno mechanismo,
De roda a roda, qual de abysmo a abysmo,
A curva parabolica fixou;
E, qual se fosse areia,
Espargindo ás mãos cheias o ouro puro,
Cravejou-a, semeou-a de astros tantos,

Que, se na rotação cai um no escuro,
Outro surge na luz com mais encantos.

E, emquanto tudo sobe ou desce ao fundo,
Indifferente, gira, gira o mundo...

IV

Vedes, no extremo opposto,
Novo cometa que nos céos assoma?
Que, tendo o sol d'um lado e do outro a lua,
Por entre mil estrellas insinua,
Timido, a loira, fluctuante coma?
O seu pequeno rosto,
Inda confuso e vago, mas risonho,
Parece, ao despertar no ethereo Espaço,
Terna creança, que ao sahir d'um sonho,
Se abraça alegre ao maternal regaço.

E tudo assim sorri... sorri e suspira...
E o mundo, indifferente, gira, gira ..

V

Tem o astro, recem-vindo
Entre a estação dos fructos e a das flores,

Primaveraes perfumes nos sorrisos,
Brandos reflexos de estivaes ardores
No scintillar dos olhos indecisos;
E é tão gracioso e lindo,
E já, tão novo, tal fulgor derrama,
E esplendor tanto conquistar pretende,
Que a sua vista as nossas vistas prende,
E o seu sorrir o nosso amor reclama.

Assim a vida embala a nossa mente...
E o mundo gira, gira, indifferente...

VI

Oh! juvenil cometa.
Ave de azas de luz que a estrella aspiras!
Suave pincelada com que Deus
Nos céos esboça um elo das espiras,
Que em Soes traduzem os designios seus
E em mundos sua meta!
Ente gentil! siderea mariposa!
Com teu vago clarão de nebulosa,
A viva luz dos astros attenuas,
E uma estrella, uma luz, fazes de duas!

Tal é o influxo universal, fecundo..
E, indifferente, gira, gira o mundo...

VII

Só ha uma lei divina,
Que toda a creação rege e sustenta;
De univoco principio tudo nasce:
O Eterno evoca a luz, o dia faz-se,
E cada sol mil terras alimenta;
Da estrella, que termina,
Cada atomo em estrella se converte;
Tal, oh! astro gentil, do abysmo á beira,
Viu-te o cometa de alva cabelleira.
E, vendo em ti sua imagem, riu-se ao ver-te!

Gravite, pois, em paz, no céo profundo;
E, tu, bemvindo sejas a este mundo!

GRANDES E PEQUENOS

Magnanimo leão, rei da floresta,
Querendo celebrar não sei que festa,
Lembrou-se de obsequiar os seus vassallos,
E a opiparo banquete convidá-los.

O boi mais famoso,
Mais gordo e formoso,
Que, em todo esse Estado,
Andava a pastar,
Foi logo apartado
E á pressa immolado
P'ra o dito jantar.
E, em urro conciso,
Por ordem real,
Foi dado o aviso

A todo animal
(Que d'outro que tal
O seu alimento
Usasse fazer)
De comparecer
No regio aposento,
Afim de provar
Do boi succulento
Que estava a esfriar.

Grata impressão causara tal convite:
Que, além do proverbial bom appetite,
Que tanto aquellas gentes assignala,
Todos querem fazer gala
De fidalga condição
E de antiga lealdade,
Assistindo á refeição
Da Sua formidavel Majestade
O leão.

Festivos rugidos,
Alegres grunhidos,
Mil uivos seguidos,
Em todos sentidos,
Se fazem ouvir;
E os tigres ferozes,
E as onças velozes,
E os ursos atrozes,
Com horridas vozes,
Começam a vir.

E a terra palpita,
E o bosque se agita,
E, toda interdicta,
Esconde-se afflicta
A gente a cuidar,
Que o abysmo profundo
Do inferno iracundo
Lançara a este mundo
Exercito immundo
Para o exterminar.

No meio de tal tumulto
E tamanha confusão,
De tanta personagem, tanto vulto,
Subito chega, em longa procissão,
A primeira legião
Das companhias francas
De formigas brancas,
Co' o fim
De haver parte no festim.

«Escandalo inaudito! audacia sem egual!
Ruge, agitando a cauda, altiva onça real,
Pois aquellas mendigas,
Com pessoas da nossa jerarchia
Se hão de vir ajunctar?! Forte ousadia!»

— «Deixem as pobres formigas,
Responde o bom do leão,

Que ellas tambem teem brazão;
Nem são formigas singelas
Mas formigas brancas são,
E... carnivoras são ellas!
Sou de opinião
Que deixemos ir primeiro
Ao banquete o formigueiro;
Pois estou certo,
Que, ao ver elle o boi de perto,
Ha de logo perceber
Quão durinho é de roer.
E, em sahindo taes sujeitos
Satisfeitos
Da regia hospitalidade,
Daremos, mais á vontade,
Principio ao nosso festim.»

Todos disseram que sim,
E em seguida se afastaram;
E as ondas de formigas penetraram.
Penetraram como o mar,
Para a sala de jantar,
Onde, aos cardumes, aos mólhos,
Ao touro se vão deitar;
E, num abrir e fechar
D'olhos,
Por tal maneira o trataram,
Que, por unicos destroços,
D'elle apenas se deixaram
Ossos!

E, entretanto, vão chegando,
Pullulando, trasbordando,
Mais famintas que as antigas,
Novas tropas de formigas.
Desde a planicie ao outeiro,
Do valle ao monte roqueiro,
Não se vê palmo do chão
Atravez da inundação
Do fervente formigueiro.

E, como o boi já lá vai,
Toda a hoste em peso cai
Sobre os pobres convidados,
Que, assim, subito, assaltados
Por aquelle mar enchente,
Mordidos, despedaçados,
Em fogo vivo queimados,
Já doidos, exasperados,
Co' o proprio leão á frente,
Por primeira vez na vida,
Na mais furiosa corrida,
Foram todos, como o vento,
Pôr-se ao longe em salvamento.

QUANDO ERA EU CREANÇA

(A D. Esther Cohen Sequerra)

Quando era eu creança,
Sósinho pelo mar,
Mandaram-me p'ra França,
Mandaram-me a estudar.

Dos campos africanos
Partindo bem feliz,
Co' os graves Oceanos
Conhecimento fiz.

A nave em breve achou-se,
No temporal feroz,
Mais leve que se fosse
A casca d'uma noz.

Montanhas, sorvedouros,
Debaixo do convez,
Passavam, como touros,
Bramando, aos nossos pés.

Num fremito convulso,
Par'cia a nave ter,
Desordenado pulso
Que a febre faz bater.

Ao gurupés, sósinho,
Então fui-me abraçar,
E fiz bem de mansinho
Este discurso ao mar:

«Gigante, que assim clamas
Após um vão pygmeu,
Só temo emquanto bramas,
Quem essa voz te deu.

És grande e forte e fundo,
Eu pequenino sou;
Mas Quem creara o mundo,
Creou-te e me creou.

Que importa que essas aguas
Levantes para os céos?

A voz das minhas maguas
Chega antes até Deus.

Se está meu fim prescripto,
Seja o que Deus quizer!
Senão... mar infinito,
Que podes tu fazer?

A misera creança,
Em vez de esforços vãos,
Põe toda a sua esp'rança
Entre as divinas mãos.

A tua furia infinda,
Indomita qual é,
É menos vasta ainda
Que a minha immensa fé.

Nas horas do perigo,
Em transe e magua assim,
Eu tenho um bom amigo
Sempre a velar por mim.

Se os olhos meus em pranto,
Em busca do Senhor,
Na minha dor levanto,
Sorri-me... e passa a dor.

Por isso nada temo,
Pequeno como sou,
E pois ha um Ser Supremo
Elle é que temo só!»

Assim falei, altivo,
Por largo espaço ao mar;
E o caso é que inda vivo
Para vo-lo contar.

POESIAS SOLTAS

AQUELLE OLHAR

(Ao Dr. Bernardino Machado)

QUAL, debruçada á beira d'alto monte,
Contempla os valles pensativa estrella;
Ou qual, rasgando as nuvens, se revela,
Sereno, o sol, á borda do horizonte:

Tal, sob altiva e majestosa fronte,
Na recurvada orbita, que vela
Airosa sobrancelha negra e bella,
Aquelle olhar... da luz parece a fonte.

Luz tão subtil quão placida e fagueira
Na face amena se diffunde a flux,
E, de alma pura, pura mensageira,

Nas almas tão de leve se introduz,
Que a ideia acode, a dor foge ligeira,
A fé renasce ao brilho d'essa luz!

OLHOS PRETOS

(A D. Beatriz Consiglieri Pedroso)

PROFUNDOS como oceanos,
Como o fundo céo discretos,
São os teus olhos, menina,
Menina dos olhos pretos.

Nos seus designios secretos,
Do dia Deus fez as côres,
Com que depois matizara
Estrellas, aves e flores.

Mas p'ra pintar os amores
Como essa luz não bastava,
Pegou na tinta da noite
Que era a côr que lhe faltava.

Ora, quando elle acabava
Obra tão bella e perfeita,
Ficou-lhe nas mãos alguma
D'essa côr de trevas feita.

Olha á esquerda, olha á direita,
Quaes os mais ricos objectos:
E emprega a côr que lhe resta
Nos teus bellos olhos pretos.

TRILOGIA *

(A D. Palmyra d'Abreu Castello Branco)

ENHORA, quando o dom
Dos versos eu tivesse,
Une douce chanson
De profonde tendresse,
Em alto e grave tom,
Ou brando como a prece,
Et faite à la façon
De votre gentillesse,
Diria : — Pois é bom
Que a verdade confesse —
Oh ! j'en ai le soupçon,
Malgré toute l'adresse,
Qual é da lyra o som
Que a vossa graça expresse ?
Nul ne peut qu'un pinson
La dire avec justesse.

* Chamei-lhe trilogia, por haver n'esta composição tres poesias distinctas, lendo-se portuguez e francez, quer junta, quer separadamente.

PALAVRAS

> Quer fiquemos na vida humilde, quer subamos aos mais pomposos logares, — saibamos sempre cumprir nossos deveres, e pôr nossas esperanças no que valemos e não no que outros podem valer-nos.
>
> RODRIGUES DE FREITAS.

Eu não sei, senhor Rodrigues,
Senhor Rodrigues de Freitas,
Qual seja a mais opportuna
D'entre as mil e uma receitas,
Que passam por insuspeitas
Para alcançar a fortuna.

Vi muitos cumprir, zelosos,
Seus deveres, sem proveito;
Outros, que nunca os cumpriram,
Tidos no melhor conceito;
E os que á lei não teem respeito...
Vi que á propria lei o inspiram.

De esperanças... não falemos:
Quem tem nellas confiança,
Dia a dia as vê desfeitas;
E a existencia avança, avança,
De esperança em esperança...
E mais nada, senhor Freitas!

VOZES INTIMAS

Quando a este mundo, errante, degredada,
Uma alma vem cumprir os seus destinos,
Durante a vida é sempre acompanhada
Por ave occulta e mysteriosos trinos.

Mas ave egual não foi a todos dada:
Um tem no peito canticos divinos;
É que lá mora e canta ave inspirada
Que os Céos dotaram d'esses doces hymnos.

Outro tem só por sorte ouvir grasnidos
De corvo aziago ou lugubre coruja;
E noutro emfim nada ha que tuja ou muja.

E tu, oh tu, minha alma, que alaridos
São estes que tão fundo sinto aqui?
— É gallo. — Gallo? — Pois! — Ki-ki-ri-ki!!

ANIMO!

(A D. P. d'A. C. B.)

La inocencia y la virtud,
O más tarde, ó más temprano,
Han de tener galardon
De aquel Juez soberano,
Que en balanza sin igual
Pesa el corazon humano,
Y ante Quien la malvadez
Se cobija de oro en vano.

Cual es la fuente del bien ?
Del honor cual es la via ?
Luchar, haciendo el deber,
Con el destino á porfia ;
Lo mejor del corazon
Dar al que todo lo cria...
Y en eso, Señora, sois
De todos modelo y guia !

Es el sol un manantial
De celestial enseñanza,
Cuando tras la tempestad
Nos anuncia la bonanza...
Mirad al sol si jamás
Os fallece la esperanza,
Que en él, Señora, hallareis
Vuestra pura semejanza.

TRADUCCÇÕES BIBLICAS

S

De 22 estrophes, cada uma de tres versos, menos a setima que é de quatro, é composto o primeiro capitulo das Lamentações attribuidas a Jeremias. Os versos são, no original, de 12 syllabas, e estão perfeitamente divididos em dois hemistichios, com as correspondentes pausas média e final. Não obstante o que se tem affirmado ácerca da falta de medida syllabica nos versos biblicos, os das Lamentações de Jeremias, salvo poucas excepções, reduzem-se facilmente ao metro dos nossos alexandrinos.

Esta traducção é feita directamente do texto hebraico, e verso por verso na maioria dos tercetos. Ser fiel foi o meu unico objecto, — convencido como estou da impossibilidade absoluta de reproduzir em lingua nenhuma, e mórmente nos limites a que me cingi, as incomparaveis bellezas do original. Fiz o que pude; mas bem depressa reconheci a minha fraqueza, e desisti da intenção em que estava de traduzir o poema todo.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

(CAPITULO PRIMEIRO)

Á saudosa memoria do meu querido e deplorado amigo Arão Cohen

I

QUÃO erma está a cidade outrora tão povoada!
A excelsa entre as nações, viuva e sem amparo,
Rainha ha pouco, é hoje a pareas sujeitada.

II

Sulca-lhe o rosto, á noite, o pranto ardente, amaro:
Consolador não tem de tantos seus amigos:
Odio vê só e aleive em quem lhe foi mais caro.

III

Juda emigra ante o jugo e o desconforto antigos;
Entre as Gentes a paz não acha dos seus dias;
Colheram-na em seu transe aligeros imigos.

IV

Ninguem já de Sião percorre as tristes vias;
Seus paços ermos são, seus prestes gemebundos,
Tristes as virgens, e ella, immersa em agonias.

V

Triumpham ora em paz contrarios furibundos:
Deus dá-lhe a dor de ver seus filhos, por seu crime,
Indo ante duro algoz captivos, vagabundos.

VI

Privada está Sião do lustre seu sublime;
Seus principes, qual cervo á mingua do seu pasto,
Sem força fogem ante a hoste que os opprime.

VII

Jerusalem, em dia assim fatal, nefasto,
Recorda a extincta gloria, o resplendor d'outrora;
E, ao ver cahir seu povo em pego negro e vasto,
Riram-se d'ella, emquanto os seus desastres chora.

VIII

Peccou Jerusalem, e como impura é tida:
Quem mais a honrava a avilta ao ver sua vergonha:
Tambem ella a gemer recúa espavorida.

IX

Co' a macula na veste, impavida e risonha,
Cahiu profundamente, allivio em vão procura:
«Vê, Deus, minha afflicção, que augmenta hoste medonha!

X

Pousou sobre os seus bens a mão do imigo dura;
Nos sanctuarios viu entrar-lhe outra nação,
Cujo ingresso vedaste a gente extranha, impura.

XI

Todo o seu povo geme e busca afflicto o pão,
Por pão deu tudo afim que lhe a alma devolvera...
«Olha, Meu Deus, attende á minha humilhação!»

XII

Não passes, caminhante, observa, considera
Se ha dor qual minha dor, qual esta dor pungente,
Com que Deus me affligiu na sanha sua fera!

XIII

Dos céos, nos ossos meus, lançou um fogo ardente;
Armou-me rede aos pés; mandou-me atraz volver;
Em ermo converteu-me, em lucto permanente.

XIV

Qual jugo aos erros meus forçou-me a obedecer;
Trançaram-se-me ao collo, as forças me tolheram;
Deus poz-me em duras mãos, p'ra nunca mais me erguer.

XV

Meus fortes, aos seus pés, calcados todos eram:
Mancebos, virgens, ai! meus filhos, num só dia,
Pisados num lagar, no seio meu morreram.

XVI

Por isto choro, e nada o pranto me allivia,
Ao ver, privada já de auxilio e lenitivo,
Meus filhos na desgraça, o imigo na alegria.

XVII

Extende as mãos Sião a um protector esquivo,
Cercou Deus a Jacob de imigos seus eleitos,
Tornou-se-lhes Sião objecto repulsivo.

XVIII

O Eterno é justo, que eu... faltei aos seus preceitos;
Ouvi-me, oh vós, Nações! e vede o meu pesar,
Em captiveiro vi meus filhos ir sujeitos.

XIX

Amigos procurei, aleive fui achar:
Meus prestes, meus anciãos nas ruas desfallecem
A suspirar por pão com que o animo alentar.

XX

«Vê, que dores, oh Deus, o seio me escandecem;
Meu peito peccador trasborda de amargura;
Por fóra e dentro, a ferro, os filhos meus perecem.

XXI

Ouviram-me gemer na minha desventura;
Folgou de ouvir o imigo o mal que me fizeste:
Virá dia em que sinta a dor d'esta tortura.

XXII

Vê sua malvadez, e dá-lhe, qual me deste,
Castigo tão cruel por todos meus delictos;
Porque o supplicio atroz, que contra mim moveste,
Encheu-me o coração de males infinitos!»

LAMENTAÇÕES

(INTERPRETAÇÃO LIVRE DO VERSICULO I DO CAP. II)

Surge nos céos sinistra nuvem negra,
Retumba do trovão a voz potente,
E o sol occulta a luz que nos alegra:

Assim sobre Sião vem de repente
A sanha de Adonai, qual nevoa escura,
Pousar espessa, funebre, inclemente.

O estrondo abafa os ais que a dor murmura,
Fulmina o raio a vista immersa em pranto,
E a sombra encobre Deus ao que o procura.

Ah! como Deus piedoso e sacrosanto,
Voltando a face á filha sua eleita,
Mudara tanto amor em odio tanto!

Qual cai a pedra ao chão que ao ar a engeita,
Ou sobranceira, algente molle salta,
De penha em penha, até ficar desfeita,

Tal d'entre os soes, de que o zenith se esmalta,
Foi despenhada a estrella mais brilhante,
Tanto mais fundo quanto foi mais alta.

Assim dos céos cahiste num instante,
Corôa d'Israel, no eterno occaso
De estrella que se extingue ou d'astro errante.

Cahiste num barranco horrendo e raso,
Rojando em lama impura os mil fragmentos,
Qual destroçado crystallino vaso.

Cahiste ao rouco arfar dos elementos,
Qual aguia fulminada d'altos cumes,
Qual cai a palma ao impeto dos ventos.

Cahiste sob o gladio de dois gumes,
Que vibra e fulge entre os divinos braços,
No dia em que, insensivel aos queixumes,

Deus vem julgar a Terra e os Espaços,
E a Terra treme, estruge e endoudece
Sob o terrivel peso dos seus passos;

Dia em que o sol arqueja, empallidece,
Lampada sepulcral d'um mundo morto,
Que pouco e mal reluz e nada aquece;

Dia sem fim, sem tregua, sem conforto,
Dia de amargo lucto e eterno exemplo,
Em que Deus esmagou, na ira absorto,
Qual fragil pedestal, seu sacro Templo!

PARAPHRASE LIVRE

DO

VERS. I DO CAP. XXIX DE ISAIAS

JÁ passaram dois mil annos
Des que de ti triumpharam,
Jerusalem, os Romanos...
E os Romanos já passaram,
Mas não passam os tyrannos.

Ah! cevaram-se os milhanos
Em teus filhos, que roubaram;
Em teus reis e soberanos,
Quaes milhanos, se cevaram
Inimigos deshumanos.

Não choraram tantos damnos
Os povos que mais penaram;
Desde os ultimos Hyrcanos,
Do que teus filhos choraram
Se formaram oceanos.

Os que sonharam que, humanos,
Os fortes ao fraco amparam,
Em tormentos quotidianos,
Em vez do amor que sonharam,
Só acharam desenganos.

E já passam dois mil annos
Des que te despedaçaram,
Sião, Gregos e Troyanos;
E ondas de sangue passaram
Sobre vós, meus pobres manos!

PROVERBIOS DE SALOMÃO

Cuidam as aves que debalde o engodo
Foi posto na armadilha; e, á tentação,
Cedendo o cubiçoso d'egual modo,
A alma deixa nos laços da ambição.

CAP. I, 17-19.

Nas más acções quem gosa e se extasia,
Nunca terá no mundo outra alegria.

CAP. II, 14.

Não te fies na tua intelligencia:
Espera tudo só da Providencia.

CAP. III, 5.

Deus prova aquelles por quem sente affecto,
Qual pae castiga um filho predilecto.

ID. 12.

Não denegues o bem a quem pertença,
Emquanto Deus os meios te dispensa;
Nem digas «Volta logo!» ao teu credor,
Se tens com que pagar, paga é melhor.

ID. 27, 28.

Não medites o mal contra o amigo,
Que vive em paz e em boa-fé comtigo.

ID. 29.

Evita sempre a gente má e devassa;
E, em a vendo, desvia a vista, e passa!

CAP. IV, 15.

Ante os olhos de Deus é nossa via
Notoria e ponderada dia a dia.

CAP. V, 21.

Seis coisas Deus detesta, e sete Elle abomina:
Os olhos do suberbo; a lingua do que mente;
A mão cruel, que verte o sangue do innocente;
O coração traidor, que aleives só machina;
Os pés, que, para o mal, estão sempre dispostos;
A testemunha falsa, e a alma vil, indina,
Que semeia entre irmãos contendas e desgostos.

CAP. VI, 16-19.

Por poucas luzes que dês
A espirito intelligente,
Achá-lo-has cada vez
Mais discreto e mais prudente.

CAP. IX, 9.

Se cultivas a sciencia,
Para ti só a cultivas;
Mas, se dás a preferencia.
Á estulticia e mal'dicencia,
Seu peso na consciencia
Soffrerás emquanto vivas.

ID, 12.

É fonte de discordias a aversão;
Dissimula mil faltas a affeição.

CAP. X. 12.

Qual fumo para a vista, agraço para os dentes,
São, para o que os precisa, os torpes indolentes.

CAP. X, 26.

O pensamento do justo
É cumprir, a todo custo,
Co'os dictames da equidade;
E o perverso, toda a vida,
Traz a mente embevecida
No artificio e falsidade.

CAP. XII, 5.

Mais vale o humilde que tem
Um escravo seu ao lado,
Do que o suberbo que vem
Só da fome acompanhado.

ID. 9.

O bom é compassivo até co'os animaes;
E, até na compaixão, os maus são desleaes.

ID. 10.

Nas proprias palavras cai
O malvado qual num laço;
E pela palavra sai
O innocente de embaraço.

ID. 13.

O nescio, logo, no rosto,
Traz escripto o seu desgosto;
Mas sabê-lo ter secreto
É só de quem for discreto.

ID. 16.

Palavras do estulto
Parecem insulto,
Que o peito magôa;
E o sabio, se fala,
Qual balsamo exhala,
Que anima, abençôa.

ID. 18.

As palavras da verdade
Duram como o firmamento,
Ao passo que a falsidade
Dura apenas um momento.

ID. 19.

Co'a esperança differida,
Desfallece-nos o peito;
Mas se em breve tem effeito
É qual arvore de vida.

CAP. XIII, 12.

Cada coração conhece
A causa do seu pezar,
E do goso que o interesse
Ninguem mais pode gosar.

CAP. XIV, 10.

Do seu proprio companheiro
Vê-se o pobre desprezado;
Mas quem tem muito dinheiro
É de amigos rodeado.

ID. 20.

De todo bom trabalhar
Resulta doce producto;
Mas o muito conversar
Penas dá por todo fructo.

ID. 23.

Em toda a parte estão os olhos do Senhor,
Velando sobre o justo e sobre o peccador.

CAP. XV, 3.

O tumulo não tem, p'ra Deus, arcanos,
E menos inda os corações humanos.

ID. 11.

Co' o amor que tudo encanta,
Dae-me um prato de verdura;
E não me deis a fartura
Onde o odio tambem janta.

ID. 17.

Tudo fez Deus co' um fim determinado,
Que a nossa fraca mente mal abraça:
O justo para exemplo, e o malvado
Para flagello em dia de desgraça.

CAP. XVI, 4.

Quem quer muito apparentar
Por não ser nada termina;
Que a jactancia de ostentar
Precede sempre a ruina.

ID. 18.

Antes ser solicitante
De gente humilde e modesta,
Do que socio do arrogante
Na mais esplendida festa.

ID. 19.

Prefiro o homem paciente
Ao guerreiro mais valente,
E ao maior conquistador
Quem de si mesmo é senhor.

ID. 32.

Do filho do seu senhor,
Se inepto for e imprudente,
É governante e tutor
Um escravo intelligente.

CAP. XVII, 2.

Do cadinho a prata sai
Qual a neve quando cai,
E qual sai brilhante o sol
Sai o oiro do crisol.
Tal de nossos corações,
A alma que Deus nos confia,
Depois de mil provações,
Sai mais limpida que o dia.

ID. 3.

Quem do pobre escarnece humilha a Quem o cria;
Quem ri da alheia dor ha de prová-la um dia.

ID. 5.

Não sôa bem na bocca d'homem vil
Discurso que a ser alto e nobre aspira;
E em bocca insigne, augusta e senhoril,
Repugna ouvir a astucia e a mentira.

ID. 7.

Antes topar com urso furioso,
E não com asno estolido e teimoso.

ID. 12.

Com mal quem paga o bem,
Mal sempre em casa tem.

ID. 13.

De que serve ao nescio ter
Dinheiro para comprar
A prudencia e o saber,
Se não tem na alma logar
Onde tal possa caber?

ID. 16.

Aquelle é sincero amigo
Que na dor temos ao lado;

E um irmão se nos foi dado
Foi p'ra o dia do perigo.

ID. 17.

Quando um commerciante vejo
De mediana condição,
Fóra de tempo e ensejo,
Ter, com grande ostentação,
Empregados de sobejo,
Muita luz, nova armação,
Penso, ao ver tanto festejo,
No dito de Salomão:
Quem quer a porta mais alta
P'ra a fechar pouco lhe falta.

ID. 19.

As palavras do malsim
São doces, tão doces são,
Que vão cravar-se porfim
No fundo do coração.

CAP. XVIII, 8.

Quem trabalha sem ardor
Dissipa quanto ha melhor.

ID. 9.

Responder sem ter ouvido
É de tonto — está sabido.

ID. 13.

É mais custoso vencer
Irmão escandalizado,
Do que assaltar e render
Castello fortificado.

ID. 19.

Perde o homem por sua necedade,
E deita logo a culpa á Divindade.

CAP. XIX, 3.

Os amigos do rico augmentam co'a riqueza;
E ao pobre, um só se o tem, afasta-lh'o a pobreza.

ID. 4.

Se vejo um parvo no meio
Da abastança e do recreio,
Digo, ao ver tanta grandeza:
Mal empregada riqueza
Onde só bastava um freio!
E a vara da Lei... se a vejo
Nas mãos d'um servo arvorada,
Digo, ao vê-la assim (coitada!),
E, ao vê-lo, digo, de pejo:
Que vara mal empregada,
Quando um lenho era sobejo!

ID. 10.

A discreção está em ser paciente,
E a honra em perdoar a toda a gente.

ID. 11.

Vida amarga, a vida inteira,
O pae do estulto ha de ter;
E quem bulhenta mulher
Escolheu por companheira...
Exposto a eterna gotteira
É condemnado a viver.

ID. 13.

Propriedades, oiro e prata,
Serão legado dos paes;
Mas uma mulher sensata...
Só de Deus, e ninguem mais.

ID. 14

A Deus empresta quem ao pobre dá;
Com grandes juros Deus lh'o pagará.

ID. 17.

Que de projectos urde o nosso peito!
Mas os de Deus sómente teem effeito.

ID. 21.

Se a mão do priguiçoso
No prato acaso toca,
É muito duvidoso
Que volte logo á bocca.

ID. 24.

Diz o indolente que o frio
Não o deixa trabalhar;
Depois, em chegando o estio,
Colheita não ha de achar.

CAP. XX, 4.

Qual agua num poço, estão
As ideias a coberto
No fundo do coração;
Mas quem for habil e esperto,
De tão profundo logar
As ha de saber tirar.

ID. 5.

É mau, não presta, diz o comprador;
Depois da compra, encontra-lhe o valor.

ID. 14.

A principio sabe bem
O doce pão da impostura;
No fim muda-se, porêm,
Em cascalho e amargura.

ID. 17.

Fortuna a galope feita
Nem dura, nem aproveita.

ID. 21.

Nunca abrigues em teu peito
O designio de vingar-te:
Confia a Deus o teu pleito,
Que Deus póde indemnizar-te.

ID. 22.

A alma do homem é lampada divina,
Que o peito sonda, explora e illumina.

ID. 27.

A gloria da mocidade
Na sua força se funda:
E a honra da mór edade
Na experiencia fecunda.

ID. 29.

Como as ondas do mar, nas mãos de Deus estão
Os corações dos reis: para onde os guia, vão.

CAP. XXI, 1.

Da justiça e caridade
O piedoso exercicio
Apraz mais á Divindade
Que o mais rico sacrificio.

ID. 3.

Quem não attende ao gemido
Do indigente na afflicção,
Tambem gemerá, e então...
Não conte ser attendido.

CAP. XXI, 13.

Quem do caminho honrado e recto se desvia,
Descanso não terá senão na campa fria.

CAP. XXI, 16.

Quem exerce o amor e a caridade,
Encontra amor e vida e dignidade.

ID. 21.

Que de cuidados escusa
Quem da lingua não abusa!

ID. 23.

Nem sciencia nem prudencia
Ha perante a Providencia.

ID. 30.

ApromPta-se o corcel e as armas para a gloria,
Mas só Deus é que dá a palma da victoria.

ID. 31.

Neste mundo, frente a frente,
O rico ao pobre encontrou;
Mas o que é bem evidente
É que um só Deus os creou.

CAP. XXII, 2.

O pobre ao rico obedece;
E, ante o servo endinheirado,
Um homem livre estremece
Quando lhe pede emprestado.

ID. 7.

Expulsa, afasta o intrigante,
E a discordia acaba já:
Findo o aguilhão constante,
O escandalo acabará.

ID. 10.

Por livrar-se de um mandado,
Respondia um mandrião:
Ha nas ruas um leão,
Não quero ser devorado.

ID. 13.

Não te mates por ser rico,
Do teu empenho desiste,
Meu amigo, eu te supplico;
Que, qual aguia, o bem, se o viste,

Abre immensa envergadura,
Some-se logo na altura,
E deixa-te ainda mais triste.

CAP. XXIII, 4. 5.

Para quem são reservados
Os suspiros e os lamentos?
Para quem doridos brados,
Mil vexames e tormentos?
Para quem olhos pisados,
Esgazeados, vinolentos?
Para aquelles que á bebida
Sacrificam toda a vida.

ID. 29, 30.

Funda-se a casa co'a sciencia,
E co'o engenho se mantêm;
Depois enchem-na de bem
O saber e a diligencia.

CAP. XXIV, 3.

Sete vezes cai o justo,
E outras sete volta a erguer-se
Porque tem bom alicerce;
E, por mais forte e robusto
Que seja o mau, se abater...
Nunca mais se torna a erguer.

ID. 16.

Não folgues, se na desgraça
Vês cahir teu inimigo:
Não se irrite Deus comtigo,
E o mal que lhe fez te faça.

ID. 17.

Um pomo d'oiro em vaso d'alva prata,
E uma palavra a tempo se é sensata.

CAP. XXV, 11.

Nuvens e vento, mas sem chuva alguma:
Promessas muitas, dadiva nenhuma.

ID. 14.

Vence dos reis a firmeza
Paciencia placida e santa,
E a lingua molle quebranta
Dos ossos mesmo a dureza.

ID. 15.

Sendo coisa rica e boa,
Mel demais tambem enjôa:
Visita pouco o amigo
Não se aborreça comtigo.

ID 16, 17.

Qual dente podre ou perna deslocada,
É d'um traidor o auxilio em hora azada.

ID. 19.

É qual cidade investida
Sem muralha que a proteja...
Indole ardente, insoffrida,
Que refreada não seja.

ID. 28.

Os pés do coxo teem a mesma consistencia
Que tem na bocca estulta um dito de sciencia.

CAP. XXVI, 7.

Respeitos conferir ao nescio e honrarias,
É como a funda armar com finas pedrarias.

ID. 8.

Qual soez, faminto cão
Volta ao seu vómito immundo,
Taes os nescios voltarão
Á inepcia, emquanto houver mundo.

ID. 11.

Gira firme nos quicios sempre a porta,
E o indolente no leito que o supporta.

ID. 14.

E qual fingido demente,
Que dardos de fogo ardente
E a morte vai despedindo,
Quem amigos sacrifica,
E que, apanhado, replíca:
«Foi por graça, estava rindo!»

ID. 18, 19.

Finda a lenha, em seguida morre o fogo;
Cessa a intriga, a discordia cessa logo.

ID. 20.

Fino argento em fusão,
Vasado em feia lama:
Labios de ardente chamma,
E falso coração.

ID. 23.

Em pezo, nem pedra bruta,
Nem areia, em gravidade,
Nada a palma emfim disputa
Á sanha da necedade.

CAP. XXVII, 3.

Antes censura franca e manifesta,
Que amor occulto que p'ra nada presta.

ID. 5.

Quem vive na fartura
Despreza o proprio mel;
E a fome acha doçura
Até no proprio fel.

ID. 7.

Não descures teu amigo,
E o de teu pae não descures;
Na desgraça, não procures
Em casa de irmão abrigo;
Antes bom vizinho ao lado
Do que um irmão afastado.

ID. 10.

Se o esperto a falta vê, recúa e se acautela;
O nescio segue ávante, e fica preso nella.

ID. 12.

Ferro com ferro se afia,
E homem com homem se cria.

ID. 17.

Qual o crystal das aguas reproduz
A exacta imagem d'um extranho objecto,
Do mesmo modo um coração traduz
O que outro esconde ou cuida ter secreto.

ID. 19.

A tumba não se pode saciar,
Nem os olhos humanos contentar.

CAP. XXVII, 20.

De pobres para pobres a oppressão
É qual chuva, que molha e não dá pão.

CAP. XXVIII, 3.

Quem de usura se macúla,
Para pobres accumula.

ID. 8.

Quem adula, um laço tende
Onde o credulo se prende.

ID. 5.

O justo faz justiça ao fraco, ao indigente;
E o mau não quer ouvir, e nem falar consente.

CAP. XXIX, 7.

Olhos do filho mau que os proprios paes despreza,
Corvos os vazarão, e d'aguias serão presa.

CAP. XXX, 17.

ECCLESIASTES

(Ao meu querido irmão, Salomão Bénoliel)

 ERAÇÃO vai, geração outra vem,
E a terra eternamente se mantêm.

CAP. I, 4.

Surge brilhante o sol e logo cai,
E, d'onde sai um dia, ao outro sai.

ID. 5.

Do sul ao norte gira, gira o vento,
Voltando sempre ao mesmo movimento.

ID. 6.

Vai todo rio ao mar, e o mar não cresce,
E, á foz onde desceu, lá sempre desce.

ID. 7.

Tudo está gasto já, de repetido,
E a vista não se farta, nem o ouvido.

ID. 8.

Teem futuro e passado um só crisol,
E nada ha emfim de novo sob o sol.

ID. 9.

Augmenta a sanha em proporção da sciencia,
E a magua em proporção da intelligencia.

ID. 18.

Sei que Deus... quanto faz é que ha de ser,
E Deus fez que o tenhamos de temer.

CAP. III, 14.

Existe um ser, que vive só no mundo,
Sem filho, sem irmão e sem amigo,
Em lida e ambição sem fim nem fundo:
Os bens de que lhe servem? De castigo.

CAP. IV, 8.

Mais vale joven pobre e illustrado,
Do que principe velho e estouvado.

ID. 13.

Vem todo sonho envolto em disparates,
E o discurso dos nescios em dislates.

CAP. V, 2.

Promessas, é melhor fugirmos d'ellas,
Do que, depois de feitas, desfazê-las.

ID. 4.

Quem ama o oiro, nunca está contente;
Que proveito dá pois o oiro ao homem?
Cresce a fortuna, crescem os que a comem;
E o dono, só com ver, mais penas sente.
O anno do artifice tem mais doçura:
Ou pouco ou muito, gosa quanto alcança;
E o rico dia e noite não descansa,
No meio do esplendor e da fartura.

ID. 9-11.

Mais vale ouvir do sabio uma censura,
Que os louvores e os cantos da loucura.

CAP. VII, 5.

Sempre o saber é bom, e ainda melhor
Se da fortuna acompanhado for.

ID. 11.

Quem cumpre co' os preceitos do dever,
Isento de receio ha de viver.

CAP. VIII, 5.

Viver é ter esp'rança e ter conforto,
E antes cão vivo ser, que leão morto.

CAP. IX, 4.

Não vence o mais ligeiro na corrida,
Nem pertence a victoria ao mais valente,
Ao mais sabio o sustento d'esta vida,
Os bens da terra ao mais intelligente,
E a graça e o favor ao mais ladino:
Que em tudo influi o acaso e o destino.

ID. 11.

Sitiada estreitamente uma cidade,
Deveu a um pobre sabio a salvação;
Mas, depois de alcançada a liberdade,
Ninguem do pobre sabio fez menção.
Vale mais o saber que a valentia,
Mas o saber do pobre é sem valia.

ID. 14-16.

Para o prazer da vida, as iguarias,
E o vinho para festas e alegrias;
Mas vejo, ao cabo de mais serio estudo,
Que o vil dinheiro corresponde a tudo.

CAP. X, 19.

Quem as nuvens do céo e o vento espreita,
Fica sem semear e sem colheita.

CAP. XI, 4.

TRADUCÇÕES
DE
POESIAS ARABES

POESIAS ARABES

As seguintes poesias são traduzidas dos textos arabicos publicados e vertidos em francez por Grangeret de Lagrange (1828) na sua primorosissima *Anthologia Arabe.*

Aproveitei quanto possivel da traducção d'aquelle distincto orientalista, — preferindo, porêm, em alguns casos, a licção do texto arabe, e esmerando-me em ser fiel e em conservar á traducção portugueza o sabor do original.

Dos 14 trechos que traduzi, dois — *Lembranças* e *A Bem-Amada* — são do celebre Omar ben-Faredh (1181-1234), oriundo do Cairo, e considerado como um dos mais delicados e eminentes poetas arabes medievos; as duas poesias que intitulei — *Parallelos* e *A Essencia da Rosa* — pertencem ao Commentario das obras do mesmo Omar ben-Faredh; *A Anemona* e *A Vida,* á *Historia dos Arabes de Hespanha,* por Almoqqari; e as outras, ás Anthologias Arabes conhecidas com os titulos de: *Halbet Alkomait* e *Mardj Annadhir.*

AMOR E POESIA

(Ao meu amigo Carlos Adolpho Marques Leitão)

TENHO uma bella ao meu lado,
De majestosa presença,
Cujo olhar apaixonado,
Cujo meneio ondulado,
Cheio d'uma graça immensa,
Me trazem a alma suspensa
E o coração subjugado.

Sofrego absorvo o aroma
Do seu halito subtil,
Nectar que os animos doma,
Doce como auras de Abril,
Mórmente quando, febril,
Lhe ajunto a essencia que assoma
Ás rosas do seu perfil.

Corre-me o tempo benigno,
As horas voam-me, quando,
O mel celeste libando
Do seu rosto peregrino,
Poiso meus beiços no brando
E fresco myrto divino
D'esse collo alabastrino.

Ternos meus braços rodeiam
Essa airosa planta amada,
E ora num laço lhe enleiam
Os fortes ramos que ondeiam
Junto da haste delicada,
Ora na copa elevada,
Os que as brisas balanceiam.

Em rica alfombra macia,
Mollemente reclinados,
Meus amigos dedicados
Compartem minha alegria
Todos elles são dotados
De sentimentos honrados,
De nobreza e fidalguia.

Nunca seus labios disseram
Um só termo idecoroso,
E co' um zelo rigoroso
Nunca censuras fizeram;

Mas sempre me estremeceram,
E do meu celeste goso
Inveja nunca tiveram.

Um recíta com voz pura
Maravilhosas poesias;
Outro o fastio conjura
Com chistes, galanterias;
E outro, co' infinda doçura,
Ora toca, ora murmura
Deleitosas melodias.

Co' o lindo seio agitado,
Graciosamente arqueado,
Ouve esse canto uma bella,
Num gesto e garbo... que é vê-la,
Se, num riso requebrado,
Fio de per'las revela...
Qual nunca foi revelado.

Negros cabellos compridos,
Frente e olhos deslumbrantes,
Trazem na sombra perdidos...
Banham de luz seus amantes!
Canta, e todos meus sentidos
Presos sinto, e já, distantes,
Meus cuidados — esquecidos.

Num refugio de delicias
Repousâmos docemente,
Sob as ramadas propicias
Agitadas brandamente.
Mana alli clara corrente,
Qual pranto de quem lamente
Caras e extinctas caricias.

É um não visto canteiro,
D'ambar e áloes perfumado,
Onde as aves, num trinado,
Voam do louro ao salgueiro,
E, em tom vivo e cadenciado,
Repetem d'um companheiro
O canto meio encetado.

Diz que estamos, quem nos vê,
Nos Jardins da Eternidade;
E a minha felicidade
Tão cheia de gosos é,
Que, por esta iniquidade,
Sacrifico a minha fé
E o caminho da verdade.

Oh! que me importam a mim
D'um accusador austero
O ralho frivolo e fero
E as advertencias sem fim!

Em prazer infindo assim,
Os proprios reis considero
Quaes servos do meu jardim!

E Káis, o amante famoso
De Leila, a bella das bellas,
E os que no amor generoso
De lindas, nobres donzellas,
Cifraram todo o seu goso,
São vassallos, elles e ellas,
E eu... o chefe seu ditoso!

A ESSENCIA DA ROSA

TENTEI unir meus labios ao seu rosto,
Mas, pudibunda, entrou a desviá-lo;
E um doce orvalho logo foi banhá-lo,
Qual banha a aurora o myrto ao sol exposto.

Então cuidei, em puro amor desfeito,
Bebendo ancioso aromas taes fugaces,
Que destillava as rosas d'essas faces,
Ao fogo dos suspiros do meu peito.

PARALLELOS

Por amor da minha amada,
Amo o que se lhe assemelha:
O sol em que ella se espelha,
A lua em que está pintada;
E, se vejo, porventura,
A penha, creio que vejo
Do seu peito a imagem pura,
E a penha asperrima beijo.

A MAÇÃ

A maçã que uma virgem me off'receu —
Arrancada por ella mesma a um ramo,
Flexivel como o corpo esbelto seu —
É doce qual o seio seu que eu amo.

Tem do seu halito o suave aroma;
O gosto, qual o gosto dos seus dentes;
A côr, da leve purpura que assoma
Ás suas lindas faces innocentes.

A VISITA

(Ao meu amigo José Ramos Coelho)

Depois que entregue foi á terra a minha amada,
De noite, a esvoaçar, entrou junto ao meu leito,
E eu a beijar corri seu delicioso peito,
Que embellezava ainda o collo seu de fada.

Oh! luz dos olhos meus! gritei, voltaste á vida,
Fazer-me inda feliz? é tal imaginavel?
E ella me disse: Não! meus ossos, na jazida,
São pasto do feroz gusano insaciavel;

Mas é da tua amada o espirito angustiado,
Que a ver-te vem, subtil, qual d'antes bello e pulchro.
Ai! taes visitas são as unicas que é dado
Obter dos que na paz repousam do sepulcro!

O MAR

Do mar contempla as vagas,
Que, ora investindo a costa, ora deixando as plagas,
Quadro estupendo off'recem:
Parece a praia um rei, e as ondas ser parecem
Exercito brioso,
Que vem beijar-lhe as mãos e parte respeitoso.

A VIDA

Em dois momentos se reparte a vida,
Attenta bem no que ambos elles são:
O passado, chimera vã, perdida;
O futuro, um desejo, uma illusão.

O BEIJO

Vê como esses ramos flexiveis se enlaçam,
E como se afastam depois que se abraçam:
Imagem do terno, gentil namorado,
Que, um beijo colhendo da noiva, agitado,
E subito vendo cruel vigilante,
Recúa ligeiro, fugindo offegante.

A PRIMAVERA

(Ao meu amigo Pinhas Asayag)

Céos! como a primavera é bella, encantadora,
E cheia de delicias!
Das aves, como sabe urdir a voz sonora
Requebros e caricias!
A rosa ostenta a côr suave que matiza
A face das donzellas;
Qual vinho agita o ebrio, agita o ramo a brisa;
E, como, ás furtadelas,
Nas palpebras, o somno amigo se introduz,
Suave, sob a relva, a onda corre a flux.

SAUDADES

(Ao meu amigo Cesar Mires)

Que é feito d'essa noite de ventura
Tão breve e fugitiva e tão fagueira,
Noite das noites a mais linda e pura,
Que mais valia só que a vida inteira?

Meu bem, meu anjo, a minha bem amada
Esteve ao pé de mim, num doce enleio,
Graciosa, alegre, meiga, apaixonada,
Sem tedio, sobresalto, nem receio.

Eram-me suas falas quaes diamantes,
O som da sua voz doce instrumento,
E o rosto seu, nas sombras fluctuantes,
Brilhava como o sol no firmamento.

Enleiavam-me a vista as suas graças,
Seus ingenuos dizeres os ouvidos,
Quando as chammas da aurora ainda escassas
Converteram meus risos em gemidos.

Teve essa noite um crime: a brevidade!
E qual maior podia commetter?
Por que ella me durasse a eternidade
Eu dava a melhor parte do meu ser!

LEMBRANÇAS

(Ao meu amigo Antonio José d'Oliveira)

É do relampago o clarão fulgente
Que subito brilhou no areioso outeiro?
Será da aurora o resplendor nascente
Que vi luzir no Nadjde sobranceiro?

Ou não sería Leila, a flor mimosa,
Da tribu Amérita a mais linda filha,
Que, o rosto descobrindo, a noite umbrosa
Banhou de luz que a luz do dia humilha?

Que Deus te guie, oh nobre viandante!
Se teus fortes camelos compellindo,
Das vias ingremes passando ávante,
E por torrentes pedregosas indo,

Junto a Nâmán, onde o arak floresce,
Chegares, deixa o valle e galga os cumes
Dos montes orientaes, e logo desce
Á fertil Ariná, rica em perfumes;

E quando, emfim, por entre as tortuosas,
Areentas gargantas penetrares,
Então, junto ás torrentes furiosas,
Oh! caminhante, adjuro-te que pares!

Que pares um momento! e, evocando
Meu triste coração que alli deixei,
E pranto, qual meu pranto, derramando,
Saúdes os logares onde amei!

A ROSA

DESFRUCTA a rosa emquanto a rosa dura,
Que bem sabes que a rosa dura um dia,
E, ao despedi-la, pensa na ventura
Que fruiste na sua companhia;
E, grato, com saudades, com ternura,
Com beijos e com pranto a acaricia,
Como ao deixar o mais querido ser,
Que só depois d'um anno has de rever.

ANEMONA

(Ao meu amigo Julio da Cunha)

Fui visitar a anemona, uma vez
Que a chuva violenta a fustigava.
Que mal, oh! chuva, a pobre flor te fez?
Pergunto ao ver como ella a maltratava.
E a chuva diz: Por ter furtado á tez
Das virgens o rubor que as matizava.

A BEM-AMADA

(Ao meu amigo Michel Dreyfus)

No campo da batalha, onde pelejam
Olhos e corações a mais renhida,
Pereço, sem ter feito, em toda a vida,
O mal de que estes males premio sejam.

Apenas meu olhar se viu ferido
Do brilho deslumbrante d'essa estrella,
Antes mesmo de ter amor por ella,
Gritei, todo offegante: Estou perdido!

Louvado seja Deus! agora o somno
Deixou p'ra sempre os olhos que te viram,
Minh'alma ardentes fogos a feriram,
Meu coração succumbe no abandono.

Triste, abatido ao despontar da aurora,
Ao declinar do sol, mais triste ainda,
Não disse, exhausto pela dor infinda:
Fugi, pezares, ide-vos embora!

De doce magua sinto-me agitado
Por todo peito que de amor suspira;
Por todo labio que, ao gemer da lyra,
Saudades canta d'um objecto amado;

Por todo ouvido, surdo á reprimenda
Do rigido, importuno accusador;
Por toda palpebra que, entregue á dor,
Não permitte que o somno a surprehenda.

Longe de mim o frio amor, que deixa
Seccos os olhos de sentido pranto,
Paixão de gelo, que, em mortal quebranto,
Qual fogo, não exhale a sua queixa.

Decreta contra mim, se estás irada,
Excepto o exilio, a pena que quizeres:
Farei do teu prazer os meus prazeres,
E a vida até darei, oh! minha amada!

Se do cabello o negro turbilhão
Aos ares dando, vem de sombra envolta,

Sob essa negra trança aos ares solta,
Da fronte a alvura aclara a escuridão.

Quando um suspiro aos labios seus assoma:
Sim, diz o almiscar, d'essa doce aragem,
Fragrante mais que a brisa entre a ramagem,
É que extráio o mais puro e tenue aroma.

Se ao longe a minha amada se desvia,
Oh! meu sangue, congela-te em meu peito;
Se ella volta, oh! meus olhos, meu respeito
Dizei-lhe e o meu goso e alegria.

Bemdito seja Deus! De quaes encantos,
De prendas quantas fulge aquella flor!
A quantos corações o seu amor
A vida concedeu, e a morte a quantos!

Quando ás vezes se ausenta a minha amada,
Meus olhos, atravez da phantasia,
Em tudo onde ha belleza e louçania,
Encontram sua imagem retratada:

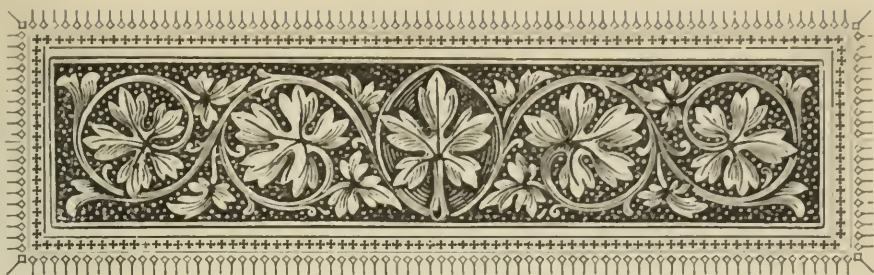
Nos suspiros da lyra harmoniosos,
Da flauta nos dulcissimos concentos,
Quando aquelles divinos instrumentos
Casam seus vagos echos amorosos;

Nesses valles ridentes, onde, bellas,
Vão, no frescor da tarde encantadora,
Ou sob os raios da nascente aurora,
Pascer, graciosas, timidas gazellas;

Nos prados onde cai o doce orvalho
Sobre verdes alfombras florescentes;
Nas auras vespertinas rescendentes
Bafejando os que voltam do trabalho.

E ainda a vejo quando os labios ponho
Sobre os labios da taça perfumada,
Na mansão aos prazeres consagrada,
Por entre os véos diaphanos do sonho.

Cifra-se nella todo o meu desejo;
É minha patria o solo onde ella habita;
Junto d'ella minha alma ressuscita,
E céos e terra esqueço quando a vejo.

VASCO DA GAMA

I

NO CABO

(Ao Conselheiro Luciano Cordeiro)

> Agora vêdes bem que, commettendo
> O duvidoso mar num lenho leve,
> Por vias nunca usadas, não temendo
> De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
> Que, havendo tanto já que as partes vendo,
> Onde o dia é comprido, e onde breve,
> Inclinam seu proposito, e porfia,
> A ver os berços, onde nasce o dia.
>
> CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. I, Est. 27.

Já longe era do Cabo a derradeira véla,
Quando, elevando a voz, o grande Adamastor,
No meio dos febris arrancos da procella,
Falava aos seus irmãos, sentados em redor:

«Passou!... lá vai, lá vai aquelle humano ousado,
Que o victorioso Norte envia ás nossas aguas,

Para do Sul romper o encanto dilatado,
E, não obstante Zeus, dar fim ás nossas maguas!

Passou!... lá vai, sereno, altivo e sem receio,
Cortando o mar furioso e nunca d'antes visto,
Qual corta o lavrador da terra o duro seio,
E o Espaço o cavalleiro impavido e previsto!

Passou por entre nós, a coma ao ar dispersa,
Co'os pretos olhos d'aguia o mar e os céos sondando,
Em fundo meditar a funda mente immersa,
E ao mar, á terra, ao céo, impondo o seu commando!

Ainda o vejo, ainda aos ares solta, ondeia,
Sua inclita bandeira ao longe quasi extincta,
Emquanto em seus anneis de cobra o mar o enleia,
E lhe abre o abysmo a guela horrifica e faminta.

Que provas lhe reserva o Fado e quantas lides,
Por ver se engeita assim aquelle empenho seu!
Ah! seja o alto Céo propicio ao novo Alcides,
Que os ferros vem quebrar a um outro Prometheu!

Sumiu-se, — e, apezar da minha grande altura,
Não posso já seguil-o ao fundo do horizonte;
Juntae, juntae á minha, Irmãos, vossa estatura,
Por vêl-o ainda um monte erguei sobre outro monte!»

Assim disse o Gigante. E todos num momento,
Qual agil ave sobe ao ar de rama em rama,
Trepavam um sobre outro até ao firmamento;
Mas sempre mais acima estava o illustre Gama!

II

NO OCEANO INDICO

> D'aqui fomos cortando muitos dias,
> Entre tormentas tristes e bonanças,
> No largo mar fazendo novas vias,
> Só conduzidos de arduas esperanças:
> Co'o mar um tempo andámos em porfias;
> Que, como tudo nelle são mudanças,
> Corrente nelle achámos tão possante,
> Que passar não deixava por deante.
>
> CAMÕES — *Os Lusiadas,* Cant. V, Est. 66.

Que vês, Irmão, que vês, ao longe, no alto mar?
— Em tenue véo azul, poisadas ao de leve,
Distinctas, vejo, além, co'as ondas a folgar,
Tres azas côr-de-neve.

— Tres vélas são, Irmão, tres vélas portuguezas,
Que vão pedindo ao Sol seu reino oriental,
Aljofares ao Mar, ás Indias mil riquezas,
P'ra El-Rei de Portugal!

— Tres vélas vejo em p'rigo ao longe no alto mar:
Da fertil India o Fado asperrimo as desvia,

E, não obstante o leme e não obstante o ar,
Derivam noite e dia.

Em debandada as leva o perfido Oceano,
E, como cede inerme o incauto peixe á rede,
Sob um adverso influxo e pernicioso engano,
A lusa Armada cede.

— Correntes são, Irmão, correntes poderosas,
Que vedam d'este mar á humana gente a entrada;
Mas, lá vem Noto dar auxilio ás naus famosas
Da mais que humana Armada.

— Tres vélas vejo alêm, travadas, á porfia,
Co'as ondas, corpo a corpo, em lucta desegual:
As Quinas mostram bem que são as naus que envia
El-Rei de Portugal.

Vencido está, porfim, o impulso da corrente;
A brisa amiga enfuna o panno gemebundo;
De pedras finas mil scintilla alegremente
O salso mar profundo.

Mas, eis o vento cai; as ondas adormecem;
Á longa agitação succede horrenda calma;
Co'o flaccido velame agora as naus parecem
Tres corpos já sem alma.

Suspira a Frota em vão pelo mais tenue afago
De Zephyro amoroso ou brusco Vendaval;
De fogo o céo parece, e o mar parece um lago,
Um lago de crystal.

— Vê bem, Irmão, vê bem ao longe, no horizonte!
— Ao longe, no horizonte, espessa nuvem tetrica,
Prenhe de raios mil, de mil tormentas fonte,
Do pégo surge electrica.

Sem vento, cresce, vôa, invade e tolda os ares;
Qual fragil flor, o sol murchou-se num minuto;
Mudou-se em negro limo a verde côr dos mares,
E os céos estão de lucto.

Parece tudo absorto em muda expectativa;
E, neste assustador silencio universal,
Da morte á beira, a Armada grita: — Viva!
E viva Portugal!

De espanto e de terror meus membros estremecem...
Lá vejo ainda as naus sem mastros e sem vélas,
E um homem prodigioso, ao qual mil obedecem,
Erguido numa d'ellas...

Com voz potente e gesto augusto e soberano,
Ordena, exhorta, instrui, anima, incita, inflamma...

Parece um deus que vem medir-se co'o Oceano,
E em desafio o chama.

De prompto a nuve' estala: um rio em fogo os ares
Rasgou de norte a sul; um surdo e ribombante
Estrepito rebenta e róla sobre os mares
Num rir extravagante...

Qual ebrio, o vento acorda, estolido, feroz,
Vibrando golpes mil, sem rumo ou direcção,
Com uivos de demente, unindo a sua voz
Aos roncos do trovão.

Em formidando amplexo e informe remoinho,
Estreitamente o mar aos altos céos se abraça,
E, sobre montes de agua, hedionda, em desalinho,
Rugindo, a Morte passa.

Sumiu-se tudo... Agora um véo de trevas cobre
Por toda a parte o seio immenso do Infinito;
Silencio sepulcral extende as azas sobre
O lugubre conflicto...

— Irmão, Irmão! vê bem ao longe, no alto mar!
— Ao longe, no alto mar, ha sempre as mesmas vélas,
E um homem prodigioso, ainda a commandar,
Erguido numa d'ellas!

III

NA INDIA

Sabei que estais na India, onde se extende,
Diverso povo, rico, e prosperado
De oiro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Camões — *Os Lusiadas,* Cant. VII, Est. 31.

Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes, e possantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavam
Com flammas abrazassem crepitantes:
Neste socorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

Camões — *Os Lusiadas,* Cant. IX, Est. 4.

Cadente e placida ao sabor da brisa,
Desfralda a onda o seu cairel de azul;
E lá, na abobada dos céos desliza,
Suave, a noite das regiões do Sul.

Ao longe vê-se uma cidade immensa,
Em sombra espessa, a repousar no vall';
Fragrante balsamo o ambiente incensa,
Nas trevas ruge o tigre do juncal.

De prompto, em flocos de espumante prata,
A lua aos ares devagar subiu;
E sobre o mar, onde ella se retrata,
A lusa Armada, em plena luz, surgiu.

Tres naus ondeiam ao vaivem das vagas,
Soltas as flammulas, suberbo o ar;
Defronte a India desenrola as plagas,
As plagas do opulento Malabar.

Aqui é Calecut, — emporio e côrte
Do Samorim, potente Imperador;
Alêm, Coulão, Chalé, Cochim; e, ao norte,
O esplendido paiz de Cananor.

Aqui tudo é prodigio, assombro, encanto:
Montanhas que se vão perder nos céos;
Campos que adorna eterno, verde manto;
Rios grossos de auriferos trophéos;

Mares de aljofar e coral calçados;
Ricos bosques de balsamos subtis;
Da terra os seios turgidos, minados
De diamantes, saphiras e rubis;

Na brenha feracissima e na selva
O tremebundo tigre sem rival;

O naja horrendo e o pythão na relva;
Na planura o elephante colossal;

Cidades que, co'a propria Natureza,
Na pompa competindo e no esplendor,
Ostentam fausto tal e tal riqueza,
Que espanta e mal se crê tanto primor;

Torres enormes, templos sumptuosos,
Nobres palacios, porticos sem fim,
Frescos jardins, castellos poderosos,
Estatuas d'oiro, porphyro e marfim;

Ruas innumeras, extensas praças,
Onde co'o dia afflui a multidão,
De origens varias e diversas raças:
Do Egypto e da Abyssinia, até ao Japão;

Tudo, emfim, quanto a mente mais fecunda
Em sonho iriado ousasse imaginar,
Alli brilhava á luz meditabunda
D'um refulgente e limpido luar.

Tudo isto, absorto, um homem contemplava
D'uma das naus sentado no convez,
Emquanto d'outro as falas escutava,
Vertidas por um lingua em portuguez.

Era o primeiro o grande e forte Gama,
Principe era o segundo de Cochim,
Monçaide, o mouro, o interprete se chama,
Que do Principe a fala explica assim:

«Escolho perfido amotina as vagas,
«As quilhas rasga e despedaça as naus:
«Ai! de quem fia em nunca vistas plagas,
«Em reis sem fé e em conselheiros maus!

«A tempo fixo emigra ou volta a ave,
«Um vento a leva, um vento logo a traz;
«Mal do que só então semeie e cave,
«Quando já volte o exercito voraz.

«Qual é o escolho? o laço traiçoeiro,
«Que o Rei e os Naires armam contra ti;
«E as aves são da Arabia o povo inteiro
«Que em breve co'a monção afflui aqui.

«Só tens tres naus, as d'elles são aos centos;
«Tens pouca gente, a d'elles não tem fim;
«E, emquanto elles propicios teem os ventos,
«Adversos os verás e o mar ruim.

«Fazer-te á véla é, pois, preciso agora:
«Que, se em apreço a vida tens dos teus,

«Fugir deves d'aqui sem mais demora.
«Eis meu conselho. Sê feliz. Adeus!»

—«Detem-te, Principe, o Heroe responde;
«Não julgues só pelo que viste e vês;
«O medo nunca ousára entrar adonde
«Ouvir pudesse o nome portuguez.

«Ha quasi um anno que da patria minha,
«Á voz da honra, ás ordens do meu Rei,
«Por mares que ninguem sulcado tinha,
«Em busca d'estas plagas me embarquei.

«Tormentas vi medonhas, indiziveis,
«Bancos de areia, escolhos, turbilhões,
«Calmarias, correntes invenciveis,
«Doenças, mortes, fomes e traições.

«O mar e a terra, o céo e os elementos,
«Vi contra mim juntarem seu furor;
«Mas que podem seus golpes mais cruentos
«Contra o dever, a honra e o valor?

«E, tendo assim luctado, assim soffrido,
«E após tanta famosa e grande acção,
«Por tão pouco inda crês que me intimido?
«Que gente julgas tu que os Lusos são?

«No emtanto acceito aquelle amor sincero
«Que tanto aventurar te faz por mim;
«E, Deus querendo, devolver-te espero,
«Por esse amor, o throno de Cochim.

«Já prompto hei de deixar estas paragens,
«Que é tempo de informar o Grande Rei;
«Levar-lhe-hei as tuas homenagens,
«E o amor que tens por elle lhe direi.

«Conserva sempre firme a lealdade
«Que d'ella o fructo em breve has de colher,
«Qual se ha da sua indigna falsidade,
«O rei de Calecut arrepender.

«Vês essa estrella que, do céo escuro,
«No mar caíndo, se desprende alêm?...
«Bem cedo volta co' esplendor mais puro,
«E assim a Armada voltará tambem.

«Então verás o immenso poderio
«Da patria minha, o invicto Portugal;
«Verás se ha povo que, em valor e em brio,
«Á lusa gente se compare ou egual'.

«Então o injusto e desleal tyranno,
«Que a nossa perda consummar jurou,

«Verá quão peza o braço lusitano,
«Que aleivosias nunca perdoou.»

Assim, com voz solemne e majestosa,
Falava o grande Vasco ao Malabar...
E a noite proseguia silenciosa,
Cadente a onda e placido o luar!

IV

EM LISBOA

Assim foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CAMÕES — *Os Lusiadas*. Cant. x, Est. 144.

Merencorio estava um dia,
Em seu palacio real,
Como d'antes não soía,
Dom Manuel de Portugal.

«Que tendes vós, Senhor Rei?
A Rainha lhe dizia;
Dizei-me, Senhor, dizei,
Que vos dá melancholia.

Se haver desejais thesouros,
D'oiro, prata e pedraria,

Ricas terras teem os Mouros,
Que moram na Berberia.

Se vos nega algum vassallo
O preito que vos devia,
Eu mandarei castigál-o
Pela sua rebeldia.

Se são Reis os que ameaçam
Vosso throno e monarchia
Tropas mandarei que façam
Pagar caro essa ousadia.»

—«Thesouros tenho, Senhora,
De rica e forte armaria,
Quaes não tem o Rei que mora,
Que mora na Berberia.

Se vassallos me offenderam,
Castigo dar-lhes sabia;
Guerras se Reis m'as fizeram,
Forças tenho em demasia.

Não queria haver riquezas,
Nem de Mouros as queria;
E armas tenho portuguezas,
Mistér d'outras não havia.

Só me anoja e entristece
Ver como, dia traz dia,
O tempo desapparece...
E Vasco não parecia.

Vasco, meu grande Almirante,
E homem de tanta valia,
Não mais tornou do Levante...
Nem mais d'elle se sabia.

Chegaria elle a essas terras,
Onde o claro sol nascia?
Ou por mares ou nas guerras
Triste fim encontraria?

Se gentios o mataram,
Só Deus vingá-lo podia;
Se Mouros o captivaram,
A salvál-o eu correria.

E ha dois annos que se fôra,
Dois annos e mais d'um dia:
Como hei de estar eu, Senhora,
Ledo qual d'antes soía?

Se dizer-me alguem soubera
Que o Almirante inda vivia...

Honras e bens eu lhe dera,
Grande do Reino o faria.»

Estas tristes falas taes
Mal el-Rei as proferia...
Quando nos Paços Reaes
Um velho aos seus pés caía.

«Alviçaras! Senhor Rei,
Se bem vo-las merecia,
Que a noticia vos darei.
Que mais gôsto vos daria.»

— «Se as noticias me trazeis,
Que ouvir mais desejaria,
Erguei-vos d'onde jazeis,
Senhor d'alta Senhoria!»

— «Deus vos guarde, senhor Rei,
O bom velho respondia,
Noticias da Armada sei
Que torna de longa via.

A todo o panno vogando,
Como de longe se via:
A barra vem demandando,
E piloto para guia.

No grande mastro real
Pendão portuguez luzia;
Para el-Rei de Portugal
Chave da India trazia.»

V

REGRESSO

Cantava a bella deusa, que viriam
Do Tejo, pelo mar, que o Gama abrira
Armadas, que as ribeiras venceriam.
Por onde o Oceano Indico suspira.

Camões — *Os Lusiadas,* Cant. x, Est. 10.

Oh Lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara a agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não veem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cubiça d'ouro reluzente.

Camões — Elegia iii.

Era porfim chegado o grande Gama á Côrte;
Veloz, a boa nova andou de Sul a Norte
Por todo Portugal.
E todo Portugal, para mais honra e fama,
Rompeu de Norte a Sul, ao ver o grande Gama,
Num hymno triumphal.

De monte a monte a voz d'um povo em festa echôa.
Já pela Europa toda a gloria immensa vôa

Da lusa expedição;
Ao jubilo da Patria ajuncta-se a alegria
De muito povo amigo, ou bem a inveja fria
De mais d'uma nação.

Que importa? Sempre assim, na sombra occulta, esqualida
Rangendo os dentes, torva, a Inveja espreita, pallida,
Os exitos dos mais:
Immundo aborto vil, da sordida Cubiça,
De trevas se apascenta e vive de injustiça,
Sem se fartar jámais!

Que importa? E, quando, até, sahindo da atonia,
Do Bátavo e do Franco e do Bretão, um dia,
Faminto bando ousar,
Co'a bruta garra curva e o bico ensanguentado,
Do invalido gigante a duro monte atado,
O corpo esphacelar...

Quando, á carniça lauta, o Belga e o Germano,
E gentes outras mil, sulcando o Oceano,
Vierem assistir...
Que importa? Sim! que importa?! A mesa é larga, vasta...
Fartar! fartar, Nações! que para todos basta...
E o dono está a dormir!

Cem annos gasta o Luso, e mais de cem mil vidas;
Torrentes d'oiro espalha, — e obras nunca ouvidas

Sósinho executou!
E, assim que o fim attinge, á Europa tudo entrega...
Mas, ella, ingrata filha, o terno pae renega,
Que nada lhe negou!

Deixá-lo! O nobre povo em coisas taes nem pensa:
Se o mundo o espoliar d'essa fortuna immensa,
A gloria ficará;
Que os bens da terra... a sorte os dá e a sorte os tira,
E a fama lusitana... emquanto tudo expira,
Jámais expirará!

Negue embora a avidez dos povos a verdade!
Qual outro, unicamente á sua heroicidade,
Deveu e ao seu saber
— E não á vil intriga e infame violencia —
Sobre todos, no mundo, a palma e preeminencia,
Em brio e em poder?

Qual, só, co'a sua industria e seu valor supremo,
D'um extremo do globo até ao outro extremo,
O Imperio edificou?
E, em guerra co'o sabido, e co'o ignoto em guerra,
De triumpho em triumpho, atravessando a terra,
A terra illuminou?

Missão grandiosa foi a tua, oh! Patria minha!
E agora, vós, Nações, que, d'isso qu'ella tinha

Viveis... guarde-vos Deus!
Se a respeitardes hoje, ao vê-la fraca, exangue...
Que foi por ella ter perdido tanto sangue...
Nos aureos tempos seus!

Ah! quem a visse então, quando, cingida a testa,
De rosas e jasmins, em delirante festa,
Laureava os seus Heroes!
Heroes, quaes nunca houvera, em numero e valia,
Heroes, como antes nunca o mundo visto havia,
E nunca viu depois!

Não surde mais depressa e róla na planura,
Levando a toda a parte a vida e a fartura,
O Nilo liberal,
Qual do enthusiasmo a onda alastra e se derrama,
Do Paço á humilde choça, ao nome só do Gama,
Em todo Portugal!

Era por uma noite aurigera de outono:
D'altos Varões cercado, em seu glorioso throno,
Estava Dom Manuel;
Defronte, pensativo, estava o grande Vasco,
E, aos pés do solio d'oiro e purpura e damasco,
Cantava um menestrel.

A excelsa companhia as trovas escutava
Co'attenta compostura — (ainda a Côrte usava

Honrar os seus Orpheus).
E, emquanto o bardo assim cantava, alêm se ouvia
Occulta e doce voz que, em versos respondia,
Qual echo, aos versos seus.

O MENESTREL

Deusas fulgentes do Pindo,
Enchei meus versos de flamma,
Porque, do Tejo até ao Indo,
Espalhem o lustre infindo
D'el-Rei, da Patria, e do Gama.

A VOZ

Tagides alvas de arminho,
A quem cede o Pindo a palma,
Cantae-me o fulgido ninho,
Que dos Algarves ao Minho,
Faz o enleio da minh'alma.

O MENESTREL

Já, de armadas portuguezas
Vejo cobrirem-se os mares,
As Indias d'altas proezas,

De gloria a Patria e riquezas,
E de canticos os ares!

A voz

Os céos não teem mais estrellas
Que flores teem nossos prados,
Nossas vinhas uvas bellas,
Messes o campo amarellas,
E ovelhitas nossos gados.

O menestrel

Reis potentes do Levante,
As vossas praças rendei,
A prata e ouro brilhante,
A esmeralda e o diamante,
Ao vosso dono e meu Rei!

A voz

O sol da patria é meu ouro,
Minha prata a branca lua,
As estrellas meu thesouro,
Que realçam Tejo e Douro
Co'a esmeralda fina sua.

O menestrel

Que prodigio! A humana gente,
Que tantos rumos seguia,
Cedendo a immensa corrente,
Toma toda de repente
Lisboa por norte e guia!

A voz

Que desgraça! O braço forte
Se á relha prefere a lança,
Affrontando embalde a morte,
Deixa a dita pela sorte,
E o certo pela esperança!

O menestrel

Chora Veneza a Corôa
Do mar, que ao Luso cedeu,
Ruge a atlantica leôa,
E á voz da invicta Lisboa
A terra toda tremeu!

A voz

Ai! risos, cantos amados
Das virgens da minha aldeia!

Ai! festas, bailes, noivados,
Gosos nunca misturados
Do pranto e da pena alheia!

O MENESTREL

Salve! Terra de gigantes,
Da Grecia rival e herdeira!
Já teus filhos triumphantes
Dão aos Reinos mais distantes
A luz da Lei verdadeira!

A VOZ

Maldita seja a ambição
Que as leis sophisma e profana,
E, á sombra da religião,
Sacrifica á oppressão
A lei divina e humana!

O MENESTREL

Aguias da Serra da Estrella,
Nas vossas azas tomae-me;
E, áquella India tão bella,
Pelos ares, para vê-la,
Aguias amigas, levae-me!

A voz

Pombinhas da minha terra,
Doces, mimosas pombinhas,
No mar quem morre ou na guerra,
Longe das suas se enterra...
E eu quero morrer co'as minhas!

*
* *

Aqui a voz perdeu-se ao longe vagamente;
Calou-se o menestrel, e a lyra lentamente,
Lentamente expirou.
Porêm, banhado o rosto em pranto, ainda ouvia
O Gama aquella voz, que á mente lhe trazia
A morte do que amou.

«Vês, disse el-Rei á Esposa, o pranto que derrama
Aquelle homem de ferro a quem chamamos Gama?
E' pelo seu irmão...
Disfarça!... bem te entendo, oh! genio poderoso,
Que ajunctas, ao valor mais alto, o mais formoso
E terno coração!

VI

OS TRES LEITOS

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.

Camões — *Os Lusiadas,* Cant. x, Est. 54.

Aqui tens companheiro, assim nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao Rei, e á lei servem de muro!

Camões — *Os Lusiadas,* Cant. x, Est. 23.

Cá neste labyrinto, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeu;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateu.

Camões — Glosa de soneto.

Sobre as margens do Tejo ameno, oh! Viandante,
Numa praia que lembra as praias do Levante,
Não longe d'onde o mar co'o rio se mistura,
Se entrares no Edificio erguido na planura,
Nesse Edificio augusto, esplendido, e immortal,
Vestigio do esplendor das eras gloriosas,

Por entre as colossaes columnas majestosas,
Verás, na sombra occulto, um leito de granito,
Onde parece ter a mão da Patria escripto:
«Aqui repousa um grande Heroe de Portugal!»

Descobre, oh! Viandante, e inclina humilde a testa,
Que nesse mausoléo, alli, vês o que resta
Do grande Capitão, que foi Vasco da Gama,
Cujas acções dizer terás ouvido á Fama,
E cujo nome brilha eterno, universal.
Ditosa da nação que pode ao mundo inteiro
D'um filho assim mostrar o leito derradeiro:
Que só gigante mãe concebe tal gigante...
Descobre a fronte pois, descobre, oh! Viandante!
Que alli repousa um grande Heroe de Portugal!

*
* *

Oh! não! não pares! segue ávante, oh! Extrangeiro!
Esse Hospital sombrio erguido num outeiro...
Ah! quem da terra, quem pudesse e da memoria
Para sempre apagá-lo, e apagar da Historia
A mácula que imprime á Patria esse Hospital!
Alli, no esquecimento e lugubre abandono,
Dormiu, num duro leito, o derradeiro somno,
Sem ter ninguem ao pé que lhe fechasse os olhos.
Aquelle que hoje o mundo acata de geolhos...
Oh! genio de Camões, perdôa a Portugal!

Cantaste qual ninguem e qual ninguem soffreste,
Por que, de pranto e sangue, oh! Trovador celeste,
Teu verso fabricado, um dia, fosse em tudo,
No jubilo e na dor, da Patria a voz e o escudo:
Canto de amor na paz, na guerra hymno marcial!
Ávante! ávante! pois, oh! tu, quem quer que sejas,
Que já não dorme alli quem tanto ver desejas...
Mas podes ir dizer agora ao mundo inteiro,
Que, em nosso peito só, repousa, oh! Extrangeiro,
Aquelle que illustrou o mundo e Portugal!

*
*   *

Que tristes ais que um dia os ventos nos trouxeram!
Que de inclitos Varões num dia alêm morreram!
Oh! Alcacer-Kebir! oh! falso Aldanho infausto!
Vós vistes consummar-se o horrivel holocausto,
Que tanto sangue bom custou a Portugal!
E, para mór castigo e cumulo de damnos,
Filippe, o mais cruel tyranno dos tyrannos,
Que ao ver tal cataclysmo exùlta de alegria,
Em vez de auxilio, deu-te um leito de agonia,
(Oh! triste Lusitania!) á sombra do Escurial!

Alli, nessa gelada e negra sepultura,
Sob a pesada campa e a oppressão mais dura,
Haurindo um ar extranho, impuro, envenenado,
Cansado de esperar e de soffrer cansado,

Exhausto, ao somno, emfim, cedeste, oh! Portugal!
Somno lethal, que o sangue, outrora fogo ardente,
Em gelo t'o mudou, e em treva a luz da mente...
Oh! perfido Filippe! oh! crua, injusta Hespanha!
A quanto povo a tua inexoravel sanha,
Foi sempre, como a nós, fatal! fatal! fatal!

VII

AURORA

> Depois de procellosa tempestade,
> Nocturna sombra, e sibilante vento,
> Traz a manhan serena claridade,
> Esperança de porto e salvamento.
>
> CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. IV, Est. 1.

Vinha apontando a Aurora...
Do cimo da collina, em fundo devaneio,
Depois de longa insomnia, e dormitando a meio,
Na mente comparava o que é, e o que era outrora
O povo portuguez;
E, como a pouco e pouco a sombra se esvaía,
Assim ia poisando em minha phantasia,
Mais densa cada vez.

Vinha crescendo a Aurora...
Qual roseo, immenso leque, em ondas purpurinas,
Oriente aos céos lançava as flammas matutinas...
De prompto vi — não sei se em sonho ou em facto fôra —
Mas vi, vi, com terror,
Dois homens lentamente erguendo-se, e erguendo
Entr'ambos a outro ser, tão vasto quão tremendo,
Naquelle resplendor.

Vinha raiando a Aurora...
E, á sua doce luz, descobrem, de repente,
Este uma lyra, aquelle espada refulgente,
Ao passo que o do meio em plena luz arvora
Um sceptro colossal...
Co'os olhos da alma então cuidei ver nessa chamma,
O grão Camões d'um lado, e d'outro o grande Gama
Erguendo a Portugal!

INDICE

Na Typographia Gonçalves

(Lisboa — Rua do Alecrim, n.º 82)

e sob o patrocinio do

DR. ANTONIO AUGUSTO DE CARVALHO MONTEIRO

editor d'este livro

acabou elle de imprimir-se

aos 12 de Novembro

de

M. DCCC. XCVII.